



TRANSVER O ENSINO

O ensino de Arquitetura e Urbanismo como ferramenta para
construção de espaços de ensino mais plurais, justos e inclusivos.

Pedro Maia_2022

SUMÁRIO

1.	Introdução	003
	1.1 A transgeneridade e a FAU-UFRJ.....	008
	1.2 Trans Garçonne.....	016
2.	Luna e Ian	020
	2.1 Antes da FAU-UFRJ.....	023
	2.2 Sua experiência na FAU-UFRJ.....	027
	2.3 Depois da FAU-UFRJ.....	031
3.	Transver o ensino	034

Demétrio Campos vive!

Introdução

“[...] a academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidade, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade.” (hooks, 2013, p.273)

A pesquisa tem como objetivo geral refletir e debater sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo como uma das ferramentas para construção de espaços de ensino mais plurais, justos e inclusivos, com a participação ativa e representação política da comunidade trans e travesti no espaço acadêmico. O trabalho projeta a relevância da produção transversal de discussões e atividades no currículo do ensino de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFRJ. Com objetivos específicos de desenvolver a campanha *Transver o ensino* que será representada por meio de uma cartilha digital, onde reunirá os pontos que são abordados durante a pesquisa, a fim de compartilhar de uma forma mais dinâmica e menos densa sobre a pauta transgênera nos espaços de ensino.

A pesquisa nasceu da minha experiência enquanto homem preto e transgênero na cidade do Rio de Janeiro, e aluno na faculdade pública de Arquitetura e Urbanismo. Pessoas transgêneras é o termo utilizado para se referir a uma pessoa que não se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento. No Brasil, cerca de 2,0% da população se apresenta enquanto transgênera¹ (ANTRA, 2021). A vivência de pessoas trans traz, em sua maioria, a violência da rejeição. O primeiro local que lhes faltam acesso são as suas próprias casas, devido à expulsão, e outro fator é o impedimento do término do ensino formal. Ambos, em tese, representam locais de segurança e desenvolvimento para boa parte das pessoas, porém para pessoas trans existe uma realidade onde esses espaços são tomados, devido à transfobia.

¹ A aplicação da linguagem neutra na palavra transgênera vem com a intenção de constituir sujeitos. A professora Margarida Petter, do Departamento de Linguística da USP, aponta em seu artigo *Linguagem, Língua, Linguística*, de 2003, que “A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social.” Sendo assim, a linguagem é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de produção e uma ferramenta informativa, sobre as realidades. (HUNTY, R. 2020). O uso das palavras de forma neutra acompanha e inclui grupos de pessoas trans que não percebem ou não se mantêm em nenhum dos gêneros binários (homem e mulher).

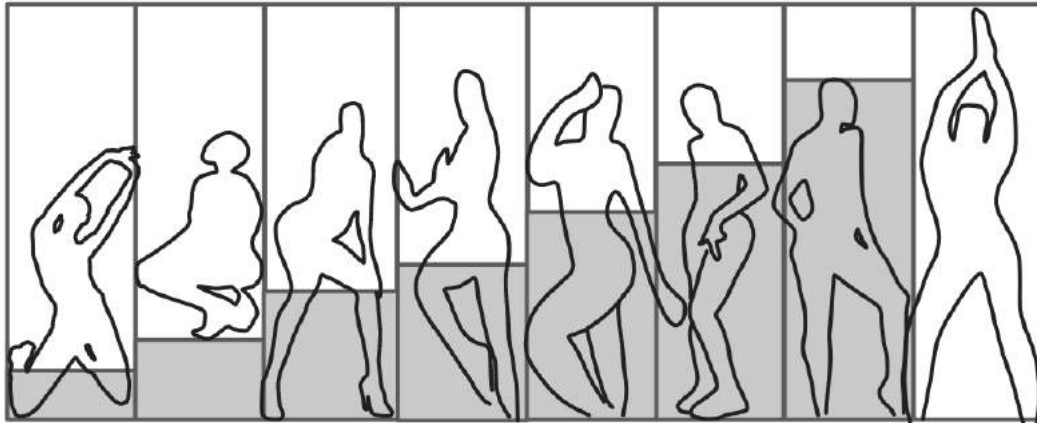


Imagem 01. Imagem elaborada pelo autor. A imagem apresenta a releitura da obra de Le Corbusier (1887-1965) o “Modulor”, que é um sistema de medidas em escala humana a partir da proporção áurea. A releitura apresenta sobreposições das poses da cantora e drag queen brasileira, Pablo Vittar, no intuito de trazer a representação da figura humana de forma menos convencional.²

“Em 27 entrevistas detalhadas, o psicólogo José Luís Gomes Gonzalez Júnior, do Nudhes, analisou relatos de violência e discriminação na vida escolar de mulheres trans e travestis. Ele observou que as estudantes trans adotavam estratégias de autoproteção como andar em grupos de pelo menos três pessoas, aliar-se aos líderes dos estudantes, mudar de escola ou parar de estudar.” (Revista Pesquisa FAPESP, 2020)

De acordo com o artigo “Trabalho e Saúde na população transexual” dados mostram que em 2011, nos Estados Unidos, cerca de 78% do número de transexuais entrevistados³ (total de 6.450 pessoas) relataram ter sofrido assédio no ambiente escolar, 35% agressão física e 12% violência sexual, devido suas identidades de gênero. “A discriminação muitas vezes começa na família, passa pela escola, que expulsa as pessoas trans, e reflete no mercado de trabalho. É uma cadeia de eventos que se somam.” comenta a epidemiologista Maria Amélia Veras que coordena o Projeto Muriel⁴, um trabalho que tem como objetivo estudar o quanto está vulnerável a população de travestis e transexuais femininos e masculinos, no Estado de São Paulo.

² As imagens do trabalho, tem como objetivo sobrepor alguns dos cenários, que dentro da perspectiva formalista do curso, são obras ilustres, porém trazem de forma provocativa a quebra da visão preeminente que elas transmitem. Construindo uma narrativa que permeia identidades se materializando no traço arquitetônico. Evidenciando, com isso, a maneira como as questões de gênero são tratadas nas representações arquitetônicas e entrando num debate de questões sobre a universalidade destas dentro do ensino e prática de Arquitetura e Urbanismo.

³ Grant JM, Mottet LA, Tanis J, Harrison J, Herman JL, Keisling M. Injustice at every turn: a report of the national transgender discrimination survey, executive summary Washington: National Center for Transgender Equality and National Gay and Lesbian Task Force; 2011. Disponível em: <https://transequality.org/sites/default/files/docs/resources/NTDS_Report.pdf> Acessado em 05 out 2021.

⁴ O Projeto Muriel conta com a iniciativa de pesquisadores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP), Instituto Adolfo Lutz, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e organizações não governamentais. No projeto são avaliados dados sociodemográficos e de acesso a direitos e serviços de saúde e educação da população trans e travesti, no Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.nudhes.com/projeto-muriel>>. Acessado em 05 out 2021.

Essa soma de eventos fica notória ao comparar o percentual de inserção de pessoas trans no mercado formal de trabalho com os dados da população cisgênera. De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)⁵ na região metropolitana de São Paulo, dos anos de 2014 e 2015, o número de indivíduos cisgêneros com inserção formal do mercado de trabalho era de 55,3% e 54,9%, já o número de pessoas transgêneras era de 16,7%, sendo 13,9% mulheres trans e travestis e 59,4% homens transgêneros. Tendo em vista que o trabalho informal pode ser uma escolha, é preciso levar em consideração que a falta de contribuição previdenciária põe esse trabalhador(a)(e) em uma situação de vulnerabilidade.⁶ Com base na revista Ciência e Saúde Coletiva⁷, 40% do número de pessoas trans e travestis entrevistadas para o Projeto Muriel, afirmaram estar inseridos no mercado como trabalhadores(as) sexuais. Ainda que o trabalho sexual conste na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)⁸, esta atividade não é regulamentada no Brasil sendo exercida totalmente na informalidade. Para além da falta de direitos e benefícios trabalhistas, a desatenção da Saúde Pública, sendo um trabalho muito exposto à transmissão de infecções sexuais, resultando em um dos grupos mais afetados globalmente pela infecção do HIV⁹, de acordo com o Programa Conjunto das Nações Unidas (UNAIDS).

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), a expectativa de vida em média da população brasileira é de 76 anos, o dobro do número que representa a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil, 35 anos. Segundo o Observatório de Pessoas Trans Assassinadas / Trans Murder Monitoring (TMM)¹⁰, o Brasil segue por doze anos consecutivos sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, sendo as vítimas transfemininas, e em sua maioria de pele preta e parda. Esses assassinatos aumentaram cerca de 41% desde o início da pandemia, em 2020. (Folha de S.Paulo, 2021)¹¹

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Indicadores IBGE: Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa - Ano 2003 a 2015, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre [internet] 2015. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/retrospectiva2003_2015.pdf. Acessado 05 out 2021.

⁶ Organização Internacional do Trabalho (OIT). A OIT no Brasil, trabalho decente para uma vida digna - Escritório do Brasil [internet]. 2012 [acessado 2018 Abr 20]. Disponível em: http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/oit_no_brasil_folder_809.pdf
» http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/oit_no_brasil_folder_809.pdf

⁷ SILVA, M. A. da et al. Trabalho e saúde na população transexual: Fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*. v. 25, n. 5. 05 out. 2021.

⁸ Brasil. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO [internet]. Brasília: MTE; 2010. [acessado 2018 Abr 22]. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/download?tipoDownload=3>

⁹ Programa Conjunto das Nações Unidas (UNAIDS). The Gap Report 2014 [acessado 2019 Mar 9]. Disponível em: http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/UNAIDS_Gap_report_en.pdf

¹⁰ O projeto Trans Murder Monitoring (TMM) começou em 2009. Atua monitorando, coletando e analisando sistematicamente relatórios de homicídios de pessoas trans e / ou de gênero diverso em todo o mundo. Disponível em: <<https://tgeu.org/tmm/>>. Acesso em: 05 out 2021.

¹¹ Folha de S.Paulo. Assassinato de Transexuais crescem 41% no país e chegam a 175 em 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/assassinatos-de-transexuais-crescem-41-no-pais-e-chegam-a-175-em-2020-diz-relatorio_shtml> Acesso em: 05 out 2021.

Pessoas trans e travestis são marginalizadas por um marcador social, e estão, literalmente e estruturalmente, à margem da sociedade. Sendo assim, os dados levantados, anteriormente, realçam condutas de que a cidade tende a reproduzir uma lógica hegemônica. Tratando de uma estrutura patriarcal, cisgênera e binária, de acordo com Cortés¹², qualquer análise sobre gênero deve comportar uma noção sobre o poder que o torna possível. (CORTÉS, 2008. p. 141)

“Os valores de gênero são um produto do entorno social (mais da educação que da natureza) e um fator decisivo na comunicação que transmitimos através da linguagem e da aparência (aspectos como os movimentos, os gestos, as expressões, o tom de voz, os lugares que ocupamos e o tipo de roupa que vestimos), ou o que *lemos* nos outros, isto é, como percebemos, interpretamos, rotulamos e usamos a informação que nos vemos de outros indivíduos. E entre esses elementos de interação com os demais, que nos servem para definir a identidade, têm destacada importância os que se referem às divisões espaciais, que foram traçadas historicamente em obediência a algumas posições binárias em função do gênero: público/privado, fora/dentro, trabalho externo/trabalho interno, produção/consumo, etc. Tudo isso faz parte de um sistema de demarcação social composto por uma intrincada rede de símbolos.” (CORTÉS, 2008. p. 139)



Imagem 02. Muriel, por Laerte. Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/arch2011-05-01_2011-05-07.html>

¹² José Miguel G. Cortés. Professor de teoria da arte na Faculdade de Belas Artes em Valência. Foi diretor do Espai d'Art Contemporani de Castelló (1998-2003). O trecho apresentado do autor/professor foi retirado do livro "Políticas do espaço: Arquitetura, gênero e controle social". CORTÉS, José Miguel G.. Políticas do espaço. Arquitetura, gênero e controle social. São Paulo, Senac São Paulo, 2008.

Fazer parte de uma instituição que debate sobre o desenho da cidade, porém não se relaciona de forma ampla com a diversidade da sociedade, reflete o quanto o ensino de Arquitetura e Urbanismo se descola da realidade e produz uma cidade fragmentada. Sendo assim, minha forma de projetar parte da minha relação, ou a falta dela, com a cidade. O trecho¹³ a seguir foi retirado do parecer anônimo da avaliação da primeira etapa de TFG1, chamado Plano de Intenções, deste mesmo trabalho do aluno/autor da pesquisa, recebido através de um preenchimento de formulário virtual disponibilizado pela Comissão de TFG da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, este afirma que:

“Com o devido e total respeito, na opinião desta(e) parecerista, o excessivo envolvimento de experiência pessoal do agente de intervenção - seja autor(a), escritor(a), projetista etc., - muitas vezes, é valiosíssimo para identificação das questões inerentes ao tema em discussão, em que pesem os problemas e as soluções. Contudo, em outras tantas ocasiões, há um turvamento da visão, ao não se estabelecer o devido distanciamento crítico que deve consolidar o binômio “significante/significado”, devido ao envolvimento emocional do ser vivente. Sugere-se um maior equilíbrio na análise e na abordagem das questões aqui levantadas (e em outras quaisquer, sejam profissionais ou acadêmicas) que mesclem fortemente um lado técnico e um lado “cliente”. Radicalismos não pavimentam caminhos plausíveis para pautas relacionadas às humanidades(...)”
(ANÔNIMO. Parecer de Plano de Intenções. Arquivo digital. FAU-UFRJ 2021)

O parágrafo acima tem em si uma postura que é exemplo da fala construída sobre uma lógica hegemônica, tratando este debate sobre transgeneridade como um movimento instável, devido ao envolvimento emocional. Este é um pensamento comum dentro da faculdade e reforça a necessidade de compreensão e acesso à informação sobre o tema, pois os efeitos desta forma de avaliação afastam discussões e perspectivas de inserção sobre o assunto dentro de sala de aula, que por influência disso, apresenta uma estrutura sobre o ensino e sobre a cidade que não estimulam os estudantes a reflexão e ajuda na reprodução de cidades conservadoras. (RIBEIRO, et al, 2020)¹⁴

¹³ O desenvolvimento inicial da pesquisa de Trabalho Final de Graduação 1, apresenta em seu cronograma duas datas de submissão do material que será avaliado, o Plano de Intenções e o Plano Conceitual. O Plano de Intenções recebe, como forma de avaliação, dois documentos. Ambos sendo arquivos de texto, um apresenta considerações do(a) parecerista escolhido entre o(a) aluno(a) e o(a) orientador(a) e outro arquivo apresenta considerações do(a) parecerista escolhido pela Comissão de TFG da Faculdade. O trecho acima foi retirado do parecer entregue pelo(a) parecerista que optou por manter seu anonimato, como permitido pela normativa de TFG na FAU UFRJ. Este apresenta em sua opinião, que o envolvimento do aluno/autor com o projeto é excessivo, isto pois o aluno/autor se identifica enquanto parte da comunidade transgênera. A partir das transformações que o aluno/autor obteve em relação à sua identidade de gênero, sucessivamente ao meu corpo, a cidade se tornou um lugar de crítica e o espaço acadêmico em que se integra, um lugar de oportunidade para chamar ao debate.

¹⁴ RIBEIRO, Cláudio; MATOS, Alice; HALFEN, Vítor. A reprodução da cidade conservadora: Relações entre ensino e mercado nos cursos de arquitetura e urbanismo. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020, p.122.

A transgeneridade e a FAU-UFRJ

Refletindo sobre as condições do ensino e da prática dos(as) profissionais de Arquitetura e Urbanismo nos tempos atuais, estas retratam a crise na infraestrutura, prejudicando grupos desfavorecidos. Uma das razões de um ensino menos inclusivo parece ser um determinado isolamento do sistema de ensino da Arquitetura e Urbanismo com outros campos que analisam de forma crítica e conjunta a cidade - cursos como: Antropologia, Geografia, História e outros campos das ciências sociais puras e aplicadas - isolando o curso, de modo como se sua própria teoria conta como totalidade. É importante destacar que o trabalho em conjunto da Arquitetura e Urbanismo com a produção ampla da cidade e seus agentes formadores são o que a transformam como elemento determinante para um ensino e práticas profissionais de Arquitetura e Urbanismo que possam ser mais inclusivas e plurais.

Sendo assim, é necessário a resignificação da Arquitetura e Urbanismo como política e o ato que oferece novas formas de pensar, planejar e construir as cidades, de tal maneira que sejam mais acessíveis e íntegras para todos. O texto de Andréia Moassab¹⁵, “Os desafios de introduzir as categorias de gênero e raça no ensino de Arquitetura e Urbanismo”¹⁶, elabora este ensino como ferramenta de defesa da cidade e da arquitetura como um bem comum e de direito à todos, produzindo com inteligência o espaço urbano, onde se mantém o diálogo com as pessoas, suas entidades representativas e movimentos sociais. Apresentando que a inclusão de estudos sobre as pautas de gênero e raça, dentro do ensino de Arquitetura e Urbanismo, é uma possibilidade de contribuição para referenciais teóricos e uma forma de acentuar os trabalhos e debates existentes na área. Onde a falta de visibilidade para a produção referencial existente e para as discussões ativas dentro do ensino de Arquitetura e Urbanismo estão aplicadas a uma “sociologia das ausências”¹⁷ (SANTOS, 2002), onde tem como objetivo tornar o status desta produção invisibilizada de “ausente” para “presente”.

Debates aprofundados e a apresentação de bibliografias sobre relações de gênero, neste caso, transgeneridade não são produzidos de forma quantitativamente expressiva dentro da FAU-UFRJ. Esta afirmação é possível a partir de relatos, de discentes, que serão apresentados no decorrer do texto, porém, também, em diálogo com outras experiências que atuam sobre o tema na UFRJ.

¹⁵ Arquiteta e urbanista, mestre e doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUCSP.

¹⁶ MOASSAB, A.; NAME, L. **Os desafios de introduzir as categorias de gênero e raça no ensino de Arquitetura e Urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020, p.197.

¹⁷ SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma sociologia das ausências e sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro 2002: 237-280

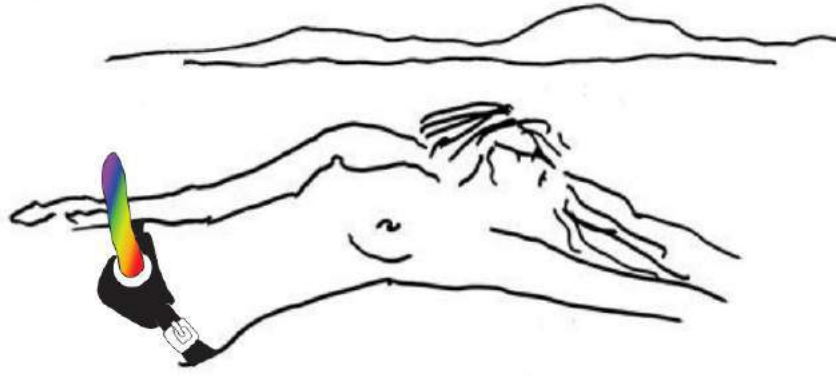


Imagem 03. Colagem elaborada pelo autor. O desenho acima apresenta um brinquedo sexual (cinta peniana com um pênis de borracha colorido) como uma intervenção sobre o desenho original do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (1907-2012). O croqui do arquiteto vem acompanhado de um poema onde este relata sua atração por linhas curvas livres e sensuais, tratando as curvas de uma mulher como parte da inspiração para as curvas de seus projetos.

Poucos(as) professores(as) abrem espaços de debate para a formulação de autocrítica sobre a forma de ensino e a prática profissional como arquitetos(as) e urbanistas. Pelo contrário, polimos uma ideologia de profissão cercada de competitividade, referências completamente distantes da realidade dos lugares que intervimos e principalmente, uma cidade não inclusiva. Quanto menos ampla se torna a relação do ensino com a cidade, mais segregadora parece, porém quando como em um ato de renovação este ensino se movimentava de forma participativa nas tomadas de decisões políticas para o país, encurta a distância e se torna uma ferramenta importante. Não adianta apenas se integrar de forma básica com outros cursos de artes e tecnologias, é preciso incorporar uma visão multiescalar¹⁸ sobre a profissão.

A fim de caracterizar a relação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ com o temática de transgeneridade, foi elaborado um questionário para coletar declarações dos alunos, com as seguintes perguntas¹⁹:

1. Sua identidade de gênero
2. O período em que atuavam
3. Se conheciam algum estudante transgênero no curso FAU-UFRJ
4. Se participaram ou testemunharam algum debate (positivo ou negativo) sobre pessoas trans e travestis dentro da sala de aula
5. Se já elaboraram alguma espécie de projeto que fosse voltado para pessoas trans e travestis
6. A opinião do estudante sobre a pauta de diversidade ser incluída de forma transversal no currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo.

¹⁸ Redes de interações e relações mantidas entre os centros urbanos, meio ambiente, população, uso e ocupação do solo.

¹⁹ O questionário foi elaborado por meio da plataforma Google Forms. O arquivo ficou disponível por oito dias (01 out 2021 - 08 out 2021). Foram coletadas cinquenta e sete respostas. A pesquisa foi realizada por meio virtual, devido a dificuldade de acesso presencial ao público por questão da pandemia. O objetivo do formulário tratou-se de um experimento de aproximação com os discentes sobre o tema. Outro questionário, envolvendo questões mais aprofundadas, será apresentado ao longo do desenvolvimento do TFG, este incluindo o grupo de docentes da FAU UFRJ. Questionário para Trabalho Final de Graduação. Disponível em: encurtador.com.br/RSX27. Acesso em: 08 out 2021.

Com base no resumo do questionário, quantitativamente, todas as respostas foram assinaladas por pessoas cisgêneras. Onde em sua maioria atuam no primeiro, oitavo e nono período. Os discentes comentam não saber se compartilharam o espaço acadêmico com pessoas transgêneras, dentre todas as respostas, parte dos estudantes relatam que conhecem/conheceram até quatro alunos trans dentro da instituição. Acerca dos debates realizados em sala de aula, envolviam temas como centros de acolhimento e banheiros “sem-gênero” que em alguns casos partiam dos professores das disciplinas de projeto e em outros da parte dos alunos, estes compondo um cenário onde o debate não era levado adiante.

Podemos perceber a partir das respostas dos alunos ao questionário, que o tema não é uma pauta recorrente no programa de ensino da FAU. A relação dos estudantes com o tema reforça, em suas análises, que não houve o aprofundamento da parte destes com a população trans e travesti, ainda que reconheçam a importância do debate. Este reconhecimento aparece, em algumas respostas, a partir da afirmação de que a arquitetura reforça padrões sociais de opressão relacionados à diversidade, construindo uma percepção, predominantemente, binária. O trecho do(a) parecerista é um exemplo de pensamento conservador que relativiza a vivência de um grupo marginalizado e diminui a importância da atenção que este tema precisa dentro do ensino.

“Lembro-lhe que “[as] pessoas transgêneras habitam a cidade e são transformadoras do espaço” (p.8), mas os “não transgêneras” devem partilhar da mesma possibilidade. Extremos levam aos extremos.” (ANÔNIMO. Parecer de Plano de Intenções. Arquivo digital. FAU-UFRJ 2021)

O(A) parecerista elabora um pensamento onde a atenção que é aplicada para um grupo específico é um ato de extremismo e pode fragmentar a sociedade ao invés de criar espaços compartilhados. Analisando este relato, é possível afirmar com base em (RIBEIRO, et al, 2020) “A reprodução da cidade conservadora: Relações entre ensino e mercado nos cursos de arquitetura e urbanismo” do livro “Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo”²⁰, que existe uma carga, expressiva, de responsabilidade e influência significativa do pensamento hegemônico que é produzido a partir da ideologia dominante (p.116), pois ainda que a universidade seja um espaço que integre e reflita a sociedade, a mesma não é garantia da produção de reflexões sobre a sociedade (p.117).

²⁰ RIBEIRO, Cláudio; MATOS, Alice; HALFEN, Vítor. **A reprodução da cidade conservadora: Relações entre ensino e mercado nos cursos de arquitetura e urbanismo.** Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

Podemos concluir que, por meio dos relatos dos discentes, a inclusão de debates, a apresentação de materiais bibliográficos que envolvam de forma mais presente e ativa o assunto sobre diversidade de gênero são necessários no currículo da FAU-UFRJ. Sendo estes, em sua maioria, alunos do primeiro período, é reforçado que o debate precisa ser levado à uma reflexão de relevância projetual desde as primeiras etapas do curso.

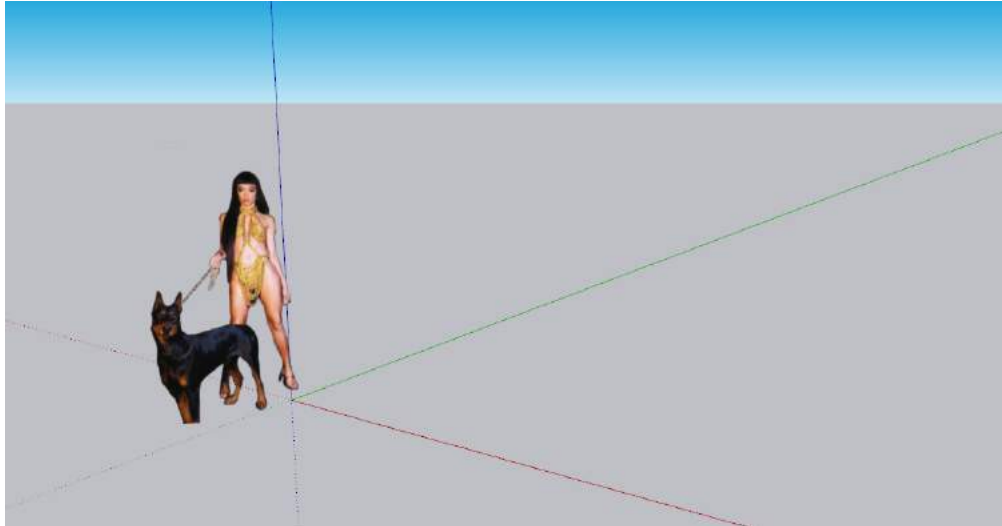


Imagem 04. Imagem elaborada pelo autor. A imagem apresenta o cenário inicial do software para criação de modelos 3D, SketchUp. A imagem original conta com a apresentação de figuras humanas próprias do arquivo. Nesta colagem, a figura humana original do programa foi substituída pela foto da modelo e cantora Urias.

<p>Algumas das respostas fornecidas por estudantes da FAU UFRJ à seguinte questão:</p> <p>“O estudante acha importante a inclusão de pautas sobre diversidade transgêner/travesti e a criação de referências desta comunidade, de forma transversal, no ensino de Arquitetura e Urbanismo? Fique à vontade para elaborar.”</p>
<p>Sim, achei interessante ter a influência desse tipo de pensamento agora no início, pois é algo que conseguirei levar para os próximos períodos quando estiver projetando coisas grandes, mas acho que seria importante ter esse conteúdo e conhecimento desde o princípio.”</p>
<p>“Sim! Acredito que seria muito importante para criarmos/pensarmos em uma cidade que não seja heteronormativa, patriarcal e extremamente violenta. Deveria de fato já ser um debate sobre direito à cidade, impossível pensar nisso sem ser de forma transversal.”</p>
<p>“Acho, e acho que inclusive isso deva ser pautado desde o início do curso como uma responsabilidade da profissão”</p>
<p>“Sim, acredito que é importante debater e evidenciar como o projeto de arquitetura pode criar mais barreiras nas vidas da comunidade lgbtqia+ (Aqui no caso de indivíduos transgeneros) quando não pensamos nas vivências individuais. Talvez propor palestras semestres como forma de abrir esse diálogo, trazendo à tona essas problemáticas e formas de solução.”</p>
<p>“Por ter apenas conhecimento superficial sobre a pauta, tenho dificuldade de entender onde ela entraria na arquitetura além da questão dos banheiros. Entendo que a arquitetura deveria ser um espaço de todos e gostaria de aprender mais sobre o assunto para poder opinar significativamente sobre a inclusão ou não da pauta no ensino de arquitetura. Com a mente de agora, eu diria que deve ser um ponto para se chamar atenção na hora de projetar e, vendo justamente pela minha ignorância em relação ao assunto, entendo como importante que haja ao menos uma aula ou momento de conversa e exemplos sobre a pauta.”</p>

Tabela 01. A tabela acima reúne algumas respostas dos alunos da FAU-UFRJ quanto à questão 05 do questionário.

Embora o cenário do mercado cresça sobre uma produção formada por profissionais com valores de base conservadora e elitista, outros movimentos nos institutos de ensino superior, coletivos e grupos de pesquisa tem colaborado com o debate de pautas interseccionais dentro da área de ensino acadêmico, que se ramificam na criação de plataformas participativas ao público; oficinas para formulação de estratégias que auxiliem na implementação de políticas públicas na cidade; ações e programas que viabilizem informação e diversidade nas universidades.

O mapa (Mapa 01)²¹ e a tabela (Tabela 02) abaixo trazem o levantamento de alguns dos espaços onde estão ocorrendo ativamente o desenvolvimento destas atividades:



Mapa 01. Imagem elaborada pelo autor. Levantamento espacial de alguns coletivos e grupos de pesquisa que têm debatido sobre gênero e raça.

²¹ Mapa 01. O levantamento dispõe referências de coletivos e grupos de pesquisa do campo de arquitetura e urbanismo que realizam o debate interseccional a partir das relações de gênero. Um dos objetivos específicos do trabalho é de alcançar e alongar este mapeamento.

Levantamento de coletivos e grupos de pesquisa que tem realizado o debate sobre interseccionalidade no Brasil	
Coletivo Yê! Mastaba https://www.instagram.com/yemastaba/	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ)
Grupo de Estudo Corpo, Discurso e Território https://www.instagram.com/corpo.discurso.territorio/	Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAU-UFBA)
Projeto Cartografia Negra https://www.instagram.com/cartografianegra/	vinculado ao Instituto Pólis
Arquitetas Negras https://www.instagram.com/arquitetasnegras/	
Margem LAB - Laboratório de narrativas urbanas https://www.ufrgs.br/margemlab/ https://www.instagram.com/margem_lab/	vinculado ao CNPq, ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano (PROPUR) e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Urbanismo Colaborativo BR https://www.instagram.com/redebr.urbanismocolaborativo/	
Coletivo Gisberta Salce https://www.instagram.com/coletivogisberta/	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Arquitetas Invisíveis https://www.arquitetasinvisiveis.com/	
Coletiva Terra Preta: https://terrapretacidade.medium.com	
Projeto <i>TransGarçonne</i> https://www.instagram.com/transgarconne/	Instituto de Nutrição Josué de Castro (INJC) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana https://portal.unila.edu.br/	Foz do Iguaçu, Paraná
Revista Estudos Transviades https://www.instagram.com/revistaestudostransviades/	
Prepara Trans https://www.ufg.br/n/90361-cursinho-prepara-transgeneros-travestis-e-transsexuais-para-enem	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE-UFG)
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (Ser-Tão) https://www.sertao.ufg.br/	Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS-UFG)
Trans UFG https://pt-br.facebook.com/pg/transufg/posts/	Universidade Federal de Goiás (UFG)
Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus https://www.instagram.com/coletivonegrofsp/	Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP)

Tabela 02. A tabela apresenta a lista de grupos de pesquisa e coletivos que debatem, também, sobre o tema da interseccionalidade no Brasil.

Com base no levantamento acima, no próximo capítulo vamos apresentar como exemplo, uma das iniciativas mapeadas, esta que é um programa de extensão da UFRJ no Instituto de Nutrição Josué de Castro (INJC), com a finalidade de reunir experiências e práticas que constroem um referencial para a pauta de transgeneridade e ensino.



Imagem 05. Mural Resistir e Existir, dos artistas Patrick Rigon e Renan Santos em São Paulo. Disponível em: <<https://www.cidadesafetivas.com.br/resistir-para-existir/>> Acesso em 05 out 2021.

Trans Garçonne

“A escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação da sociedade, do mundo, de si mesmos” (FREIRE, 1997)

Dentre os projetos levantados no mapa anterior (Mapa 01), destacamos o projeto de extensão do curso de gastronomia da UFRJ, o *TransGarçonne*. Este que foi fundado em 2019, e tem como foco qualificar pessoas trans e travestis para o mercado de trabalho no ramo da gastronomia, cientes de que não é uma questão de competência ou de habilidade, porém sobre a transfobia existente no mercado de trabalho. Conseqüentemente, o projeto visa, com o apoio do Ministério Público do Trabalho (MPT-RJ), sensibilizar gestores, gerentes, *maitres* e donos de bares e restaurantes para que compreendam a importância da contratação de pessoas transgêneras. O curso é presencial com duração de 54 horas, porém desde a pandemia, ocorreram encontros virtuais com outras frentes. A análise sobre o *TransGarçonne* entra com o objetivo específico de tratar o projeto como uma ferramenta de estudo que contribuirá com o desenvolvimento das demandas e ações para o Trabalho Final de Graduação.

O projeto foi fundado pelos professores Renato Augusto, professor adjunto da disciplina Café, bares e bebidas no curso de graduação em Gastronomia no INJC, e Breno Cruz, professor adjunto de Gestão de Serviços no curso de graduação em Gastronomia no INJC²². A ideia parte da experiência de vida do professor Renato, que se identifica enquanto um homem transgênero e entende que a maior parte das pessoas desta comunidade não usufruem das mesmas oportunidades que os outros. O nome do projeto vem do termo latino *trans* que significa “entre”, “para além de” e o termo *garçonne*²³ creditado ao pensador francês Victor Margueritte. Por meio de entrevistas com o professor Renato Augusto e a aluna de Gastronomia e extensionista no projeto, Bárbara Sbragio, foi possível entender a dinâmica do projeto.

²² As informações apresentadas foram coletadas por meio de duas entrevistas na plataforma Google Meet, uma com o professor e fundador do projeto Renato Augusto e outra com a aluna Bárbara Sbragio, graduanda no curso de Gastronomia no INJC e extensionista no projeto *Transgarçonne*. As entrevistas foram realizadas nas datas 27 set 2021 e 28 set 2021, sendo registradas com auxílio de um gravador de voz.

²³ Por volta do início do século XX, as mulheres começaram a realizar trabalhos que anteriormente eram só para os homens, usar roupas que eram ditas masculinas, como por exemplo a calça jeans, fumar e etc. Sendo assim, o uso da palavra *garçon*, que significa menino no francês, vem acompanhada do “e”, no sentido de trazer o feminino para se referir a estas mulheres, gerando o termo *Garçonne*.



Imagem 06. A imagem é capa do livro “La Garçonne” do francês Victor Marguerite. O livro foi lançado em 1922, a capa acima faz parte da publicação de 2013, pela Editora Payot. Disponível em: <encurtador.com.br/dgBHQ>. Acesso em: 09 out 2021.

O curso é aberto para participação de extensionistas de outras áreas, apresentando atividades diversas em seu currículo para além das aulas práticas da disciplina Café, bares e bebidas. Com a criação da Rede de Acolhimento para Empregabilidade *TransGarçonne* (RAET), o programa conta com uma frente que é voltada para empregabilidade e comunicação ativa com o mercado e o público. Sendo assim, o projeto conta com a contribuição de diferentes especificidades.

Em 2019, no início da primeira turma do projeto de extensão, considerando a falta de infraestrutura do Centro de Ciências da Saúde (CCS) para comportar as atividades presenciais do Departamento de Gastronomia, este sendo um curso novo que se adaptou nas salas e no uso de dois laboratórios do curso de Nutrição, os professores do projeto se deparam com este contratempo. Ocorrendo situações de não haver salas disponíveis para aulas teóricas nem práticas, a necessidade de negociação de horários e salas com outros professores, o uso de salas teóricas para realização de aulas práticas, situações que se tornaram uma preocupação a mais. Tendo em mente que este problema faria parte das aulas presenciais, as atividades do projeto, em um primeiro momento, foram repensadas para fora da Universidade, podendo alugar um espaço mais central, de fácil acesso e bem estruturado. Porém foi mantida a decisão de atuar no campus e constatado, por meio do relato dos alunos, que esta escolha foi importante.

“Eles nunca se sentiram pessoas que poderiam circular naquele espaço, de repente eles se veem ali, circulando na UFRJ. Conseguimos recursos para os alunos almoçarem e eles compartilharam o espaço do restaurante universitário. Vimos que tudo isso, para eles, era muito importante. Isso marcava que eles estavam em um lugar, que historicamente, foi negado a eles. Em um dos relatos, um dos alunos conta como era sua relação com seu pai antes de começar o curso. Ele vivia em uma situação de vulnerabilidade e tinha muitos problemas com o pai. Porém, a partir do momento em que ele conta ao pai que estava fazendo curso na UFRJ, a forma de tratamento do pai muda e inclusive o ato de dar o dinheiro da passagem para o filho.” (Augusto, R.)

O ato de estar no espaço físico da Universidade cria esse sentimento de pertencimento. O que demonstra e reforça, para os cursos que lidam com a formação dos espaços, a importância do lugar físico como espaço de inclusão à diversidade. Tratando todos os corpos como de direito ao espaço, já que a construção da vida do grupo LGBTQ+ na cidade é mais antiga do que se imagina. Vemos desde sempre a existência de pessoas que desafiam essa lógica normativa na cidade, com tentativas de movimentos, com a formação de coletivos e espaços de acolhimento, porém foram sempre reprimidas e silenciadas.

Refletindo sobre este sentimento de pertencimento, a equipe do *TransGarçonne* teve a ideia de fazer na primeira aula, um tour pelo campus da UFRJ, sendo apresentados ao Curso de Línguas Abertas à Comunidade (CLAC) no prédio da Faculdade de Letras, foram recebidos pela pró-reitora de extensão da UFRJ (Imagem 00) e fizeram este trajeto por meio do ônibus circular do campus.



Imagem 07. Alunos, professores e extensionistas do curso TransGraçonne em reunião com a Pró-Reitoria de extensão em Setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/transgarconne/>>. Acesso em: 09 out 2021.

Antes do projeto ser idealizado, os debates sobre transgeneridade partem da manifestação de gênero de um aluno do curso de gastronomia, havendo reflexões sobre forma de tratamento, respeito quanto ao uso do nome social do aluno. Posteriormente, o professor Renato se assume transgênero no Instituto de Nutrição, gerando mais reflexões, agora com a inclusão de um educador transgênero dentro de uma equipe majoritariamente composta por professoras cisgêneras. E posteriormente, com o início do *Transgarçonne* em 2019, obtendo destaque dentro da unidade e projeção nas mídias sociais, o projeto ganha uma respeitabilidade e se integra à discussão.

Atualmente, no Instituto de Nutrição, é expressivo o número de alunos que sabem o que é uma pessoa transgênera e a forma adequada de tratamento a essas pessoas. Isso demonstra a fragmentação da UFRJ que, enquanto unidade educacional, passou pela experiência do INJC, porém este movimento não dialoga com outras unidades, como é o caso da FAU-UFRJ, onde apresenta um cenário contrastante em relação ao curso de Gastronomia no INJC e carece de referências e meios de incluir a pauta de transgeneridade. Afinal o curso de Arquitetura e Urbanismo é uma área fundamental para enfrentar a racionalidade reguladora da universidade para que se cumpra seu compromisso social. (MOASSAB, 2020, p.214). Uma unidade que se assume como um espaço inclusivo que tenciona o debate sobre diversidade e respeito, caminha para a realização de discussões informativas, ações e propostas que se tornam mais possíveis. O objetivo deste Trabalho Final de Graduação é de contribuir com a diminuição destas ausências de debates sobre transgeneridade no curso da FAU-UFRJ.

“Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo [...]”
(Barros, M. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record;1996)

Luna e Ian

“O problema é ainda maior quando se trata da educação formal de pessoas trans. Inúmeras são as dificuldades pelas quais uma pessoa trans vê-se obrigada a passar em diversas sociedades, sobretudo a brasileira, principalmente devido aos obstáculos vivenciados nas instituições escolares durante o processo de formação. Apesar da inexistência de dados estatísticos sobre a evasão escolar da população LGBT, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT, afirma que o grupo que mais sofre discriminação na escola é o de transexuais e travestis, estimando-se que aproximadamente 73% dessa população se evade da escola” (SANTOS, 2016, p.13)

Na primeira etapa da pesquisa, buscamos introduzir a realidade e vivência da população transgênera, pelo acesso à base de dados disponibilizados por meio de redes de organização política de pessoas trans, e por meio da pesquisa de trabalhos e estudos referentes à comunidade LGBT, buscando pontuar a importância da construção de debates e ações que se voltem para a inclusão deste grupo no espaço acadêmico. Neste segundo capítulo, trataremos através de uma entrevista, a leitura individual de dois alunos transgêneros na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, com o objetivo específico de evidenciar por meio de suas diferentes perspectivas, a configuração da ausência do debate sobre transgeneridade na Universidade.

Para a construção da análise, as perguntas elaboradas são divididas em três eixos: Antes da FAU-UFRJ, Durante a FAU-UFRJ e Depois da FAU-UFRJ. Desta forma, o questionário busca atravessar desde as experiências vividas, pelos entrevistados, em espaços de formação anteriores à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, até suas perspectivas sobre a prática profissional. A tabela (Tabela 03) apresenta as perguntas que comportam cada um dos três eixos.

Questionário desenvolvido para a entrevista com alunos trans da FAU-UFRJ		
Antes da FAU-UFRJ	Durante a FAU-UFRJ	Depois da FAU-UFRJ
1. Como foi sua experiência de se identificar enquanto pessoa trans?	1. Qual foi sua motivação para cursar Arquitetura e Urbanismo? A expectativa cumpriu?	1. Para você, como pode ser um currículo que acolha a experiência trans e travesti na FAU?
2. Onde vocês costumam ir? Quais espaços vocês frequentam na cidade?	2. Como é sua vivência enquanto pessoa trans na FAU? Destaque sua relação com colegas, disciplinas e professores. O que gostava mais na FAU? Qual seu lugar favorito na FAU? Frequentavam as festas? Tiveram problemas em relação ao uso de banheiros? Participaram de pesquisa, extensão ou outra organização estudantil?	2. Como o “ser trans” afeta a execução da sua futura profissão?
3. Como foi sua relação enquanto pessoa trans nos seus espaços de formação prévias à FAU?	3. Enquanto pessoa trans, como foi/é sua experiência no estágio obrigatório?	

Tabela 03. A tabela apresenta a lista de perguntas desenvolvidas para a entrevista com dois alunos transgêneros da FAU-UFRJ.

Os alunos entrevistados são uma mulher trans e um homem trans, estes receberam os nomes fictícios de Luna e Ian. Pertencem a diferentes raças/etnias e classes sociais. Apresentamos, a seguir, os participantes da pesquisa por meio de um breve resumo:

Luna. Mulher trans, 27 anos, nascida em Araguari, Minas Gerais e atualmente mora no bairro da Tijuca, bairro de classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro. Está cursando o sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo, sua segunda graduação. Formou-se em 2012 no curso de Direito na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

Ian. Homem trans, 35 anos, nascido em Guaratinguetá, São Paulo. Durante os períodos presenciais morou no bairro Tomás Coelho, bairro do subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro, porém com a chegada da pandemia, voltou para São Paulo. Formou-se em Letras no ano de 2009, pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila, em Lorena, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Atualmente está cursando o último período do curso de Arquitetura e Urbanismo.

A análise elaborada sob a relação dos entrevistados com a Universidade, não é feita com o objetivo de generalizar e classificar a experiência trans e travesti na FAU-UFRJ. Considera-se a importância de conhecer e elucidar tais vivências, a fim de relevar a necessidade de inclusão do debate sobre transgeneridade e analisar como se reflete a transfobia na vivência dos alunos entrevistados.

Antes da FAU-UFRJ

Para a maioria das pessoas da comunidade trans e travesti, desde a infância, o ambiente escolar produz e estimula uma auto-opressão sobre suas identidades de gênero. Segundo a professora Guacira Louro (1997), no ambiente escolar, se tratando de alguns espaços tradicionais de ensino, estes constroem-se, por meio de várias atividades, espaços físicos e situações que instituem as separações entre gêneros. Ao delimitar este espaço entre meninos e meninas, em atividades escolares, em grupos de estudo ou em propostas de competições, provocam-se situações que podem oprimir ambos.

“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.” (LOURO, 1997, p. 58)²⁴.

Me lembro da fala das minhas professoras do ensino fundamental, onde reprimiam atitudes minhas como: correr, não cuidar das folhas do fichário, preferir o futebol do que o queimado, não usar um sutiã e entre outras, onde eram tratadas como atitudes de um menino e não de uma menina. Falas como essas, que bombardeiam tanto pessoas cisgêneras quanto transgêneras, para mim, enquanto criança trans, construía uma série de dúvidas a respeito dos valores dessas atitudes reprimidas, pois elas significavam e diziam muito sobre mim e sobre como eu me sentia mais eu, porém não representavam o gênero que me foi atribuído. O que estava errado? O meu jeito de agir ou o gênero que foi atribuído?

A visão binária se apresenta na escola, pois está estruturada na sociedade e faz parte do crescimento social das pessoas, então é algo que por meio de uma reconstrução através da informação e a convivência, mudam-se as perspectivas sobre assuntos relacionados a gênero. Embora a escola tenha cumprido o papel de um espaço que reproduz e educa uma visão cisheteronormativa para com as relações sociais, também continua sendo um espaço de importante incentivo para se construir e fortalecer debates que possam contribuir para humanização da pauta trans, refletindo sobre seus processos históricos e sociais de violência e invisibilidade. (GARCIA, 2009).²⁵

²⁴ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

²⁵ GARCIA, M. R. V. “Homofobia e Heterossexismo nas escolas: discussão da produção científica no Brasil e no mundo”. Anais do IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo,

Assumir uma identidade que opõe e vai além dos limites que são colocados em diversos espaços educacionais que carregam princípios conservadores, traz de alguma forma uma realização particular de se identificar com uma comunidade, porém também colocam esses corpos em uma situação de vulnerabilidade. Sendo assim, o ato de se assumir, para algumas pessoas, depende muito dos grupos com quem estes convivem. Para ambos os entrevistados, a identidade transgênera sempre foi um cenário presente, porém o momento mais confortável para se afirmarem enquanto trans, veio após o contato com pessoas trans aliadas.

Luna: Eu sempre me entendi enquanto mulher, desde que eu me lembro. É uma coisa que vem desde a infância, mas eu só tive coragem de assumir com vinte anos. Na época, eu já fazia faculdade de Direito, e tive algum contato com algumas leituras que me despertaram para essa questão, como homossexualidade, gênero e também por conhecer dentro da Universidade, já existia nesse momento, entre 2013 e 2014, um movimento LGBT e trans, especificamente, essa pauta já estava sendo colocada dentro desse espaço da universidade pública, tanto no campo teórico, na pesquisa, quanto na militância. O apoio dos meus pais faz toda diferença, porque sem esse apoio eu não teria nada.

Ian: Sempre me entendi enquanto homem... desde o ensino médio, vou dizer assim. Por eu ter essa faixa de idade, na minha época do ensino médio, ninguém falava sobre isso, era muito estranho ter uma amiga lésbica, o amigo gay ainda era um pouco mais aceitável do que a amiga lésbica. Então sempre existiu uma boa tarja de preconceito. A única forma que eu tive de me libertar foi quando eu me mudei, quando deixei de morar com meus pais em 2010, que eu fui pro Rio estudar. Um leque de oportunidades e novidades se abriram, comecei a morar com pessoas novas, ver gente de tudo que é tipo. Então, me ajudou a me perceber muito mais. Gosto muito de assistir documentários, e um dia assistindo sobre um atleta alemão que deixou a profissão para iniciar a transição hormonal, eu entendi o que eu era. Eu me assumi para os meus pais faz dois anos, porém não é uma das melhores relações pelo fato de eu ser trans. Falar sobre isso aqui em casa é muito complicado, inclusive passar esse tempo da pandemia com meus pais tem sido muito estranho, porque aqui na casa deles, no bairro, eu não sou o Ian.

2009. Disponível em: <http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/13.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

Pode-se observar por meio dos relatos dos entrevistados que as mídias sociais e o entretenimento tem sido um dos espaços que abordam questões sobre identidade gênero e sexualidade, de tal forma que a compreensão destes sobre suas condições de gênero partiu também através desse espaço de informação. Quando me entendi parte da comunidade trans, antes de visitar um médico e me consultar com uma terapeuta, a internet foi esse espaço em que eu pude ver diversos debates sobre hormonização, sobre o uso de pronomes, tive acesso ao trabalho de artistas trans e travestis, fiz amigos que são da comunidade e pude compreender minimamente sobre a vivência e os direitos políticos deste grupo no Brasil.

A dificuldade de acesso a conteúdos sobre transgeneridade é reflexo da transfobia²⁶. A violência da transfobia é um instrumento de segregação social e urbano (MIRANDA, 2018)²⁷, vivenciar uma identidade de gênero diferente ao que foi socialmente imposto pelo sistema cisnormativo produz um cenário de exclusão social e marginalização no dia-a-dia da comunidade trans, que perpassa pelas cidades, interferindo diretamente no modo dessas pessoas perceberem e de viverem a cidade.

Luna: Com certeza existe um medo que sempre me acompanha, independente de onde eu esteja. No início da minha hormonização, nos primeiros meses, era muito mais forte, mas com o passar do tempo, fui me tornando cada vez mais segura com relação a esse medo, hoje até mais do que esse tempo, pois vivo como uma mulher heterossexual cisgênera. Hoje tenho os medos de uma mulher heterossexual cisgênera. De vez em quando vem aquela voz interior me lembrar que eu sou trans. Depois que eu operei, eu tive muito mais segurança. Por mais que o rosto não revelasse, eu sempre tive medo que o pênis me revelasse. Então, esses ambientes que separam os sexos, banheiros, os provadores de lojas de roupas não me trazem mais insegurança.

²⁶ Transfobia é toda forma de discriminação, preconceito e subalternização de pessoas trans em virtude de suas identidades de gênero. (JESUS, 2012).

²⁷ MIRANDA, Davi. A Cidade dos Invisíveis: a Transfobia como um Instrumento de Segregação Social e Urbana. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 331347, 2018. ISSN 21772886.

Ian: Eu morava em uma cidade, São José do Rio Preto, e lá tinha muita gente trans. Era muito interessante, porque eu era lido enquanto homem muito facilmente, mesmo não tomando hormônio. Lá tem muitos ambulatorios, e o tratamento hormonal é muito mais fácil de acessar. Foi muito legal, pois tive mais contato com pessoas trans. No Rio de Janeiro era muito mais frequente eu ser lido enquanto mulher, então eu usava o banheiro feminino, os provadores das lojas também. Eu não passei ainda por uma experiência de medo, mas me preocupo quanto ao que as pessoas pensam quando me vêem.

“Eu me recordo, de maneira viva, o cansaço e esgotamento que sentia logo no início da transição, quando minha androginia se fazia esquisita para as pessoas cisgêneras ao sair para o mundo externo para realizar meus estudos e trabalho, e acabar colhendo pelo caminho alguns olhares de susto, de repulsa, de vergonha e até de riso. Sim, com o tempo, eu consegui decifrar cada um deles. Eu tinha a sensação de que minha caminhada não era nunca inocente e fortuita, e que meu corpo não permitia que os olhares de transeuntes se dissipassem e se perdessem pelo espaço, mas, pelo contrário, ele parecia uma marca que direcionava e organizava pupilas alheias”. (ARARUNA, 2017, p.147).

Na minha vivência, enquanto homem transgênero, pude perceber a violência da transfobia em dois momentos diferentes. O primeiro momento foi o período em que me entendi trans e me apresentava nos pronomes masculinos, onde pude perceber o desconforto das pessoas de pronunciarem tanto os pronomes quanto meu nome social, e também os olhares quanto a minha aparência que expressava uma ambiguidade de gênero. E o segundo momento, ocorre logo após o início da transição hormonal, onde sou lido enquanto homem cis preto e afeminado, e assim começo a perceber o racismo mais acentuado para a minha relação com a polícia e a homofobia, por eu não me apresentar como um homem convencional, logo sou lido como homem gay, seguido da fetichização. Estas violências tornaram completamente diferentes a minha forma de lidar com a cidade. Hoje estar na rua é estar atento a quaisquer ações que eu tenha, nada que possa parecer suspeito ou mal interpretado. É vestir o melhor conjunto de linho do armário para ir ao supermercado. Quanto menos atenção, melhor.

Durante da FAU-UFRJ

Segundo o Observatório Trans de Educação²⁸ os índices de evasão escolar entre as pessoas trans gira em torno de 73% e um dos principais motivos são as práticas discriminatórias, a violência, o não reconhecimento da identidade de gênero e do nome social nas instituições de Ensino. O projeto estima que entre 3% e 5% da população trans brasileira permanece na escola até o ensino médio. E que somente 5% da população trans nacional consegue acessar uma instituição de Ensino Superior.

A partir dos dados apresentados, podemos refletir sobre: O que representa o espaço acadêmico para pessoas transgêneres? Hoje, me entendendo enquanto trans já no final do curso de Arquitetura e Urbanismo, me questiono se teria a mesma facilidade de investir na carreira acadêmica se minha realidade fosse igual à dos grupos de pessoas trans rejeitadas pelos familiares e/ou à dos que não prosseguiram com os estudos desde o ensino fundamental.

Luna: A razão de eu ter escolhido a UFRJ não foi por acaso. Assim eu teria acesso a minha cirurgia, pois no interior de Minas eu não tinha. Quando eu optei pelo curso de Arquitetura na UFRJ, eu já estava em contato com um médico no Rio, que atende em um ambulatório da UERJ, essa foi minha primeira motivação. Em segundo, eu gostei de cursar Direito, porém não via perspectiva de trabalhar na área. Em um momento, na mesma época da graduação, meu pai tinha uma casa e estava fazendo uma reforma informal, e começamos juntos a pensar na obra e desenhar junto dos pedreiros e nesse processo de me envolver com a reforma, me descobri arquiteta e gostei da experiência. Eu tinha uma visão muito burguesa da Arquitetura, como algo puramente estético, porém foi muito além do que eu imaginava.

²⁸ Observatório Trans de Educação é um projeto criado para o Prêmio Jovem Jornalista do Instituto Vladimir Herzog, a partir do qual foi criado um observatório da educação da população trans. Disponível em: www.educaçãotrans.com.br.

Ian: Fazer Arquitetura era algo que eu sempre quis desde pequeno. A minha família toda, basicamente, mexe com construção civil. Meu primeiro contato com Arquitetura foi ter ganhado um kit de lego, que me despertou para esse interesse. Na região onde eu moro em São Paulo, não tinha curso de Arquitetura, eu passei para uma universidade em Baurú, porém era muito distante e eu era novo, tinha acabado de terminar o ensino médio. Meus pais não tinham condições de me ajudar a arrumar algum lugar para morar por lá. Resolvi tentar o curso de Arquitetura no Rio em 2015. Arquitetura está em tudo, então sim, o curso de Arquitetura e Urbanismo cumpriu com as minhas expectativas.

Para os meus pais é de extrema importância que eu conquiste pelo menos um diploma de Ensino Superior, pois assim eu terei mais chances de me garantir no mercado de trabalho. Não discordo deles, com diploma a situação já não é uma das mais favoráveis para pessoas trans, imagine sem. Eu escolhi Arquitetura e Urbanismo, pois era o curso que apresentava mais vagas. Até então não tinha lido nada sobre o assunto, não tinha referências e nem arquitetos favoritos. Eu estava apenas agarrando a oportunidade de entrar para a faculdade.

A Universidade reflete a sociedade, sendo assim, é um espaço de diversidade, o que não significa que esta diversidade seja pautada por igual. Não só no curso de Arquitetura e Urbanismo, mas muito se vê sobre a comunidade LGBTQ+ nos espaços. Porém, tratando da sigla T, a invisibilização acontece não só fora, mas também dentro da comunidade.

“O grupo LGBTQ possui o enfrentamento de uma situação que podemos classificar como estrutural que é a LGBTQfobia, em quem neste problema podemos encontrar vários tipos de exclusões, discriminações colocadas de forma naturalizadas na sua distribuição e dentro da sociedade, esse preconceito podendo variar até mesmo entre subgrupos que compõem a sigla”. (PEDRA, 2018).²⁹

²⁹ PEDRA, Caio. DIREITOS LGBTQ: A LGBTQfobia estrutural na arena jurídica. Belo Horizonte. 2018.

Luna: Não houve essa experiência enquanto pessoa trans assumida na FAU, pois quando eu entrei como uma mulher cis. Eu expus essa informação para amigos mais próximos, porém nunca coloquei isso de maneira mais pública. Eu acho que a única questão da minha vivência, é eu mesma me restringir, ainda que os outros não saibam, eu saber e isso me deixar inibida. Então, eu me vejo muito fechada, com poucos amigos na FAU, sempre com receio e medo, mas a real sou eu mesma me colocando nesse lugar. Eu não gostava muito de ficar na faculdade, acho que todos nós (pessoas trans) temos um pouco de medo. Porém gostava de estar nas varandinhas do CAFAU, pois tinha costume de fumar por ali e me sentia mais em paz. Fui em uma pizzada no início da faculdade, fiquei alguns minutos e fui embora pra nunca mais, como eu tinha poucos amigos, não estava na vibe.

Ian: Sobre ser trans na FAU, tendo os meus amigos, foi muito bom. Eles foram os primeiros a saberem e me deram muito apoio. Todos usavam os pronomes certos e me chamavam pelo meu nome social. No período remoto, eu troquei meu nome no sistema do SiGA, porém o endereço do e-mail institucional não trocou, então dava aquele choque pros professores de verem um nome na pauta, porém o e-mail com outro nome. Felizmente não sofri nenhuma discriminação quanto a isso da parte de nenhum professor, mas acho que isso acontece porque estamos no remoto. Quando eu entrei na faculdade, me sentia o cúmulo da timidez, só depois que fiz amizades que comecei a socializar mais, ir em algumas festas do campus. Dentro do prédio, eu gostava muito de estar próximo dos trailers na parte externa, mas também gostava muito do corredor azul, quase ninguém ficava por ali, então dava pra almoçar tranquilamente. Não gostava muito de estar no CAFAU, só quando estava mais vazio.

O espaço físico da FAU de certa forma se tornava um espaço muito presente para os alunos, quando presencial. As matérias se dividiam nos turnos da manhã e da tarde, o que exigia uma presença integral dos alunos naquele ambiente. Porém não são todos os espaços em que os alunos trans se sentem mais à vontade para estarem. Meus ambientes favoritos eram as salas vazias, onde eu poderia almoçar sossegado e a maqueteria, ainda que cheia, tinha ar condicionado, um bom sinal de wi-fi e me sentia menos observado quando acessava o banheiro masculino. Compartilho do mesmo sentimento, com os alunos entrevistados, sobre o centro acadêmico (CAFAU), só me sentia mais confortável quando estava mais vazio.

A experiência trans no ensino remoto tem seu ponto negativo pela falta de troca presencial com os professores e alunos, o que traz a importante presença física de pessoas trans no espaço acadêmico, e por outro lado, o cenário de não precisar lidar com professores e alunos. Acredito que passaria por situações de transfobia com mais frequência em aulas presenciais.

Depois da FAU-UFRJ

Sendo a transfobia uma violência estrutural na sociedade, esta se reflete também no mercado de trabalho. Ainda que tenham futuramente o diploma do ensino superior, Luna traz a reflexão sobre a necessidade de se enquadrar em um modelo cisheteronormativo.

Luna: Atuar em um estágio não será uma preocupação, pois vou me fingir de cis.

Ian: Achei curioso, pois quando eu mandava currículo com meu nome de registro, não recebia nenhum tipo de retorno, após trocar para o nome social, comecei a receber retornos, ainda que fossem apenas para avisar que a vaga já havia sido preenchida. Porém, eu tenho medo dessa questão, penso que quando eu chegar em uma entrevista, no portfólio será um nome e ainda que eu tenha uma leve passabilidade, dá pra perceber que sou trans.

Em algumas matérias de projeto, os programas e métodos para a concepção e elaboração do produto final da matéria existem regras praticamente ordenadas. Isso ocorreu em mais de uma matéria de projeto, então, a sensação que eu tinha era de que às vezes eu só estava reproduzindo o que me foi ensinado, sem críticas, apenas para conseguir chegar ao final do período com uma boa nota e a aprovação do(a) professor(a). Por meio deste exemplo, reflito sobre uma perspectiva do corpo transgênera que busca se adaptar ao cenário cisheteronormativo, a fim de se proteger. Por um lado existe todo o significado da luta e da bandeira que representamos e por outro todas as oportunidades que podemos “perder” quando nos afirmamos e nos colocamos em defesa dessa bandeira nos espaços de ensino e nos ambientes de trabalho.

A imagem passável para pessoas trans pode possibilitar uma relação de mais conforto quanto a realizações estéticas, porém também diminui a frequência quanto a situações de transfobia. Sendo assim, por vezes a transfobia leva os corpos trans a buscarem uma aproximação com a imagem cisgênera, lendo esta como a estética ideal e correta, porém por meio deste debate é preciso pontuar a importância da quebra dessa visão que nada mais é do que uma visão transfóbica, e adaptá-la a uma perspectiva trans, onde a estética parte da naturalização dos corpos trans. Esse movimento vem sendo construído por meio de ações como a do Projeto *TransGarçonne*, onde este surge com o objetivo de combater a dificuldade de inserção de pessoas trans no mercado de trabalho formal.

Na primeira etapa da pesquisa do Trabalho Final de Graduação, introduzimos a reflexão a respeito dos desafios de introduzir questões de transgeneridade no ensino de Arquitetura e Urbanismo, e a importância desta ação enquanto um compromisso social também para com a comunidade trans e travesti. Neste terceiro eixo, os entrevistados são questionados sobre como seria um currículo, para FAU-UFRJ, que acolhesse a experiência trans e travesti.

Luna: Eu não tenho certeza se isso (experiência trans) precisa ser acolhido pelo currículo da FAU. Estou em dúvida, pois em geral, o currículo da FAU debate muito pouco sobre o corpo. Talvez, disciplinas sobre Teoria, talvez ali haja espaço para debater sobre o corpo e seguir com gênero e sexualidade.

Ian: Não tem um corpo exato com que o currículo trabalha, o currículo é para qualquer corpo. Porém, ao mesmo tempo que é para qualquer corpo, faz falta na FAU, falar sobre os outros tipos de corpos, não somente sobre o binário. Também retratar as proporções, o corpo gordo, o corpo alto. Então, não temos muitas abordagens sobre esses tipos de corpos nas disciplinas. Acho que o currículo da FAU precisa abordar sobre isso, talvez em matérias mais teóricas.

Com o início da pandemia, algumas disciplinas eletivas do curso de Arquitetura e Urbanismo não foram disponibilizadas e por isso, matérias do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas em Direitos Humanos da UFRJ (NEPP-DH)³⁰ foram abertas para os estudantes a fim de cumprirem com as horas complementares. Estas matérias tem como objetivo o desenvolvimento de atividades acadêmicas que possam contribuir e informar sobre diversas temáticas a respeito de Políticas Públicas em Direitos Humanos, fornecendo materiais e referências para a produção de análises e ações, de maneira que se amplie o conhecimento da instituição universitária e que se reflita o mesmo na sociedade.

Me inscrevi nas disciplinas de Gênero e Direitos Humanos, e Direitos Sexuais e Direitos Humanos. A maior parte dos alunos que frequentavam as disciplinas eram dos cursos de Psicologia, Pedagogia e Ciências Sociais. Alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo que frequentaram a mesma sala virtual que eu, chegaram a três alunos, contando comigo.

³⁰ Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos, Órgão Suplementar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

De fato, as professoras que mediaram os debates construíram um espaço muito rico para a introdução da pauta transgênera. Este foi o primeiro momento em que assisti e participei de uma aula que levantava este assunto. Acredito que este debate possui um ar mais teórico na visão dos entrevistados, porém não acho que ele se limite a esses espaços, este é um pilar a ser trabalhado em matérias de projeto prático também, como pontuado no primeiro capítulo, a importância de aplicar a pauta trans e travesti de forma transversal no currículo da FAU-UFRJ.

Por fim, os entrevistados refletem sobre como a vivência trans pode nos colocar em um lugar de maior atenção quanto a diversidade de gênero, isto pelo fato de já termos “ocupado” ambos os gêneros binários. Então, pegamos essa bagagem e buscamos aplicar essa sensibilidade nas nossas relações sociais e com os espaços físicos.

Luna: O fato de termos transitado entre os gêneros, fez com que a gente quebrasse um paradigma muito fundamental da cultura binária. E isso nos coloca em uma posição diferente, com um olhar diferente. Para que assim possamos também transitar nessa profissão ou nas questões sobre Arquitetura.

Ian: Acaba que somos dotados de um outro olhar, não só sobre as questões de Arquitetura, mas sobre questões da vida, por termos transicionado de gênero. Então acredito que o que levamos por causa da nossa condição, vai afetar o que produzimos.

A comunidade trans é muito diversa, quanto mais busco informações sobre esta pauta, mais aprendo e mais preciso ampliar para aprender. O fato de crescermos em uma sociedade tão transfóbica, nos tira a crítica quanto a forma como nos vemos e queremos ser respeitados em sociedade. Então, a vivência trans é um exercício diário, onde-se trabalha muito autocuidado e coragem. Este capítulo foi organizado para apresentar as opiniões de alguns alunos trans da FAU-UFRJ, refletindo sobre a transfobia que se apresenta por meio do sentimento de isolamento no contexto universitário; a dificuldade de acesso aos banheiros por medo de julgamentos; a passabilidade que nesse caso, se apresenta como uma forma de proteção; o tratamento inadequado de pronomes por parte de corpo da universidade.

Transver o ensino

Com base na reflexão levantada nos capítulos anteriores, vimos a importância do ambiente acadêmico como espaço de aprendizagem da convivência com a diversidade. E no intuito de expandir o acesso às informações sobre a comunidade trans para os demais grupos que compõem as instituições de Arquitetura e Urbanismo, cria-se a campanha Transver o ensino, representada no formato de uma cartilha digital. É muito importante que o corpo docente, profissionais de educação e equipes de administração das universidades conheçam esta pesquisa, reflitam sobre os dados apresentados e busquem implementar políticas que combatam qualquer tipo de discriminação e estigma contra a população trans. Nesta última etapa da pesquisa, o material do produto final se volta para o grupo de discentes, com o objetivo de orientar e estimular este grupo a uma compreensão crítica da realidade e as variadas situações de transfobia enfrentadas cotidianamente por pessoas trans e travestis nos espaços de ensino.

O produto conta com uma estrutura de leitura onde primeiramente se apresenta a ideia e a importância da aplicação da campanha, onde-se tem como intenção servir de suporte ao corpo de discentes, para que se tenha algum acesso às informações construtivas em seus posicionamentos éticos e políticos, de modo a transformá-los em ações projetuais que pensem em combater as diversas manifestações de transfobia, assim reduzindo a falta deste debate no espaço acadêmico. A cartilha se volta para o grupo de professores/as de universidades de Arquitetura e Urbanismo, sendo assim as abordagens e representações apresentadas na cartilha da campanha destacam este público alvo.

O segundo capítulo da cartilha conta com as definições sobre “O que é uma pessoa cisgênera?” e “O que é uma pessoa trans?”, informações mais gerais, porém que ainda são termos desconhecidos para algumas pessoas, sendo tratados em algumas situações como questões de sexualidade e não de identidade de gênero. Então, traz-se uma visão mais geral sobre o grupo alvo da pesquisa, e assim segue, como forma de justificativa, sobre as violências da transfobia que a comunidade trans e travesti experimentam diariamente dentro de casa, nos espaços sociais e de ensino no Brasil.

Depois que os pontos mais gerais são colocados, levantamos o questionamento sobre o papel do professor/a de Arquitetura e Urbanismo na luta contra a transfobia, e como estes/as podem introduzir o tema dentro de sala de aula. O ato de *repassar* informações como uma das estratégias mais influentes que o grupo de professores/as podem aplicar em suas dinâmicas de aula, pois muitas vezes o olhar crítico dos alunos/as não se voltam para esta pauta, pela falta de mínima compreensão sobre o assunto.

E assim, além de instruir alunos/as cisgêneros/as quanto ao tratamento de pessoas trans, naturalizando pautas como pronomes, o uso do nome social, ao banheiro, também gera para os alunos trans um espaço confortável onde possam se apresentar como se identificam, e também se enxerguem como corpos pensados, corpos possíveis na cidade, o que reverte a visão sobre pessoas trans e travestis para um cenário mais humanizado e comum. Também é possível reforçar que a introdução do tema sobre transgeneridade pode criar reflexões/ações projetuais, através de debates entre alunos/as/es, através também da busca de bibliografias e trabalhos de coletivos e personalidades que atuam em cima desta pauta.

Sendo este o capítulo que fecha a cartilha, com a apresentação de alguns grupos de pesquisa e profissionais no ramo de Arquitetura e Urbanismo, como indicações de referência para serem apresentados também em sala de aula. No produto final, a tabela apresenta apenas seis referências, a intenção não é apresentar vários grupos como visto no primeiro capítulo da pesquisa. E no decorrer da cartilha, dividir os temas com ilustrações que façam essas releituras de forma provocativa quanto às representações arquitetônicas.

Produto Final

O produto final desta segunda etapa do TFG será a elaboração de uma cartilha. Este servirá de material de estudo e será representado digitalmente, buscando reunir as informações tratadas na pesquisa.

1. Iniciando pela apresentação da comunidade trans e travesti, o apontamento de dados referentes a essa comunidade hoje no Brasil. (Definições sobre as identidades de gênero, a violência da transfobia);
2. O foco deste produto é de dar suporte ao corpo de discentes quanto ao acesso a informações sobre a comunidade trans e travesti;
3. O terceiro ponto visa refletir sobre qual o papel dos/as professores/as na luta contra a transfobia e as estratégias que podem ser inseridas em sala de aula;
4. A apresentação de alguns grupos e coletivos aliados a comunidade trans que têm trabalhado e investido em ações voltadas para esta comunidade.

Transver o ensino: O ensino de Arquitetura e Urbanismo como ferramenta para construção de espaços de ensino mais plurais, justos e inclusivos.

Objetivos:

O trabalho tem como objetivo geral refletir e debater sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo como uma das ferramentas para construção de espaços de ensino mais plurais, justos e inclusivos, com a participação ativa e representação política da comunidade trans e travesti. A pesquisa toma como base a percepção da transfobia no espaço acadêmico, e devido a esta violência, o debate se torna ausente no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFRJ. Por isso, o trabalho busca construir e evidenciar a transfobia nesse espaço e a importância do ensino como ferramenta para a reversão desta violência que está estruturada na sociedade.

Desse modo, foram realizados três objetivos específicos:

1. Evidenciar, de forma qualificada, a maneira como se configura a ausência do debate sobre transgeneridade, assim como a existência de demanda sobre o tema, na comunidade acadêmica da FAU-UFRJ;
2. Ampliar e disponibilizar referências de experiências acadêmicas e institucionais do campo de arquitetura e urbanismo que realizam o debate interseccional a partir das relações de gênero;
3. Apresentar as contribuições e desdobramentos da experiência do curso *TransGarçonne*, sobretudo para o ensino de graduação do INJC da UFRJ, como forma de construção de um caso-referência que auxilie no entendimento de práticas pedagógicas inclusivas;

Metodologia:

1. A elaboração e aplicação de um questionário destinado à comunidade acadêmica da FAU-UFRJ (discentes, docentes e corpo técnico administrativo), a fim de analisar as percepções a respeito da relação entre o tema da transgeneridade e a prática de ensino-aprendizagem na FAU-UFRJ;
2. Produção de um levantamento sobre grupos que realizam este debate, sobretudo no campo da Arquitetura e Urbanismo, pelo Brasil. Com objetivo específico de relevar a atuação de colaboradores para o debate;
3. Aprofundar a análise a respeito do caso-referência do projeto *TransGarçonne*, a partir de entrevistas com discentes e docentes, além do acompanhamento de resultados e impactos do curso, sobretudo, em relação ao ensino de graduação dos cursos envolvidos (Nutrição e Gastronomia), incluindo entrevistas com a comunidade do INJC;
4. Elaboração de imagens que desloquem as primeiras impressões de cenários específicos, a fim de mover, de forma provocativa, a visão preeminente que elas transmitem. Construindo uma narrativa que permeia identidades se materializando no traço arquitetônico. Estas foram desenvolvidas por meio de colagens digitais;
5. A apresentação da campanha *Transver o ensino* representado por meio de uma cartilha digital que reunirá os pontos que foram abordados durante a pesquisa, a fim de compartilhar de uma forma mais dinâmica e menos densa sobre a transgeneridade nos espaços de ensino. Este material será compartilhado pelas mídias sociais e estará na quinta edição da Revista Estudos TransViades.³¹

³¹ Revista Estudos Transviades. A revista é um projeto idealizado por pessoas transmasculinas, onde buscam divulgar produções de homens trans e pessoas transmasculinas.

Referências

MOASSAB, A.; NAME, L. **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

Arquitetura Bicha. "Arquitetura fora do armário". ArchDaily Brasil. 2021. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/962606/arquitetura-fora-do-armario>>. Acesso: 20 Ago 2021.

Vallerand, Olivier. "Queer Looks On Architecture: Desafiante Abordagens Baseadas na Identidade Ao Pensamento Espacial" [Olhares Queer sobre a arquitetura] 2021. ArchDaily. (Trans. Delaqua, Victor). Disponível em: <<https://www.archdaily.com/963534/queer-looks-on-architecture-from-challenging-g-identity-based-approaches-to-spatial-thinking>>. Acesso em: 20 Ago 2021.

SPINDULA, Mateus Garcia. **Ligadonas na tomada do cool da madrugada: Drag Queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu**. 2018. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018

CORTÉS, José Miguel G.. **Políticas do espaço. Arquitetura, gênero e controle social**. São Paulo, Senac São Paulo, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Por uma sociologia das ausências e sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro 2002: 237-280

DE PODESTÁ, Lucas Lima. **Ensaio sobre o conceito de transfobia**. Revista Periódicus, v. 1, n. 11, p. 363-380, 2019.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. **Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência**. Revista Periódicus, v. 2, n. 11, p. 195-216, 2019.

MOTA, Cássio Henrique Naves et al. **Espaço urbano e subversão pela existência corporificada Queer em Uberlândia/MG**. 2019.

PRECIADO, Paul B. **Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle**. Revista Performatu: Inhumas, ano, v. 5, n. 17, p. 01-32, 2017.

SILVA, Áureo Rosa. **TERRITORIALIDADE QUEER: Uma formulação teórica aplicada ao centro de Goiânia**. In: VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2020.

CARMONA, Jaime Solares. **Gênero e sexualidade na teoria da arquitetura**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RIOS, Roger Raupp; RESADORI, Alice Hertzog. **Direitos Humanos, Transexualidade e “direito dos banheiros”**. Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 196-227, 2015.

SCHMIDT, Sarah. **As barreiras para as pessoas trans**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/as-barreiras-para-as- pessoas-trans/>>. Acesso em: 05 out 2021.

SILVA, M. A. da et al. **Trabalho e saúde na população transexual: Fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo, Brasil**. Ciência e Saúde Coletiva. v. 25, n. 5. Acesso em: 05 out. 2021.

Programa Conjunto das Nações Unidas (UNAIDS). The Gap Report 2014. Disponível em: http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/UNAIDS_Gap_report_en.pdf. Acesso em: 05 out 2021.

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, mai./ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 05 out 2021.

REIS, N.; PINHO, R. **Gêneros Não-Binários: Identidades, Expressões e Educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em: 05 out 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ARARUNA, M. L. F. B. O DIREITO À CIDADE EM UMA PERSPECTIVA TRAVESTI: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos. Periódicos – **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 8, p. 133-153, nov. 2017-abr. 2017.

GARCIA, M. R. V. **“Homofobia e Heterossexismo nas escolas: discussão da produção científica no Brasil e no mundo”**. Anais do IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, 2009. Disponível em:
<http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/13.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

PEDRA, Caio. DIREITOS LGBT: A LGBTfobia estrutural na arena jurídica. Belo Horizonte. 2018.

Considerações Finais

Para depósito final estará sendo elaborada uma versão revisada, formalmente, indicada pela banca avaliadora. Importante indicar que tais revisões não foram exigências da banca avaliadora.

EDUCAÇÃO TRANSFORMA!

CURE O SEU
PRECONCEITO

CAMPANHA

TRANSVER O ENSINO

CARTILHA DISPONÍVEL NO LINK WWW.LINKDACARTILHA.COM

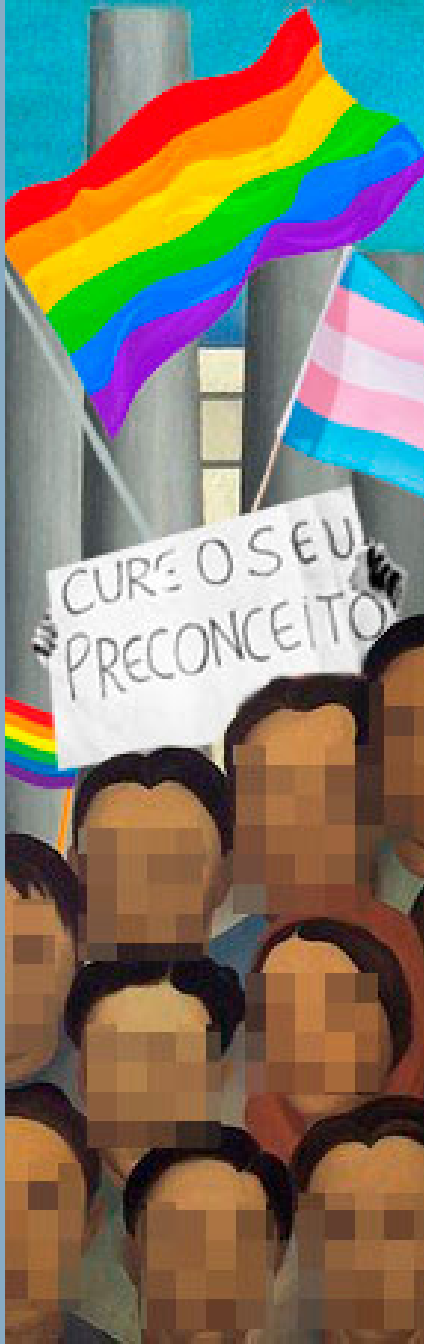
EDUCAÇÃO **TRANSFORMA!**

TRANSVER O ENSINO

Cartilha com o objetivo de orientar o corpo docente das universidades de Arquitetura e Urbanismo sobre a pauta da transgeneridade no ambiente acadêmico.

CARTILHA DISPONÍVEL NO LINK
WWW.LINKDACARTILHA.COM

Elaboração do texto por Pedro Maia
Orientação por Cláudio Ribeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
2022



SUMÁRIO

Apresentação	01
População Trans e Travesti	04
Transfobia	07
Qual o meu papel enquanto professor? E como aplicar o tema nas disciplinas de Arquitetura e Urbanismo?	10
Referências	13

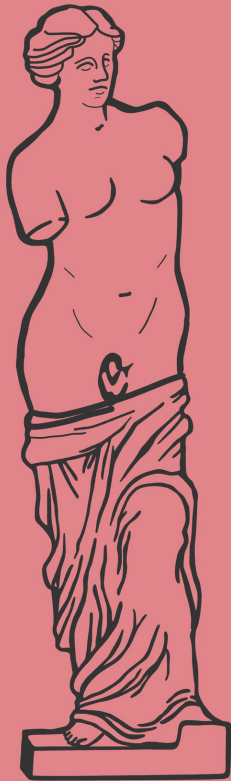
APRESENTAÇÃO

Apresentamos a campanha Transver o ensino!

Os textos têm como objetivo orientar e estimular o grupo de discentes das universidades de Arquitetura e Urbanismo a uma compreensão crítica da realidade e as variadas situações de transfobia enfrentadas cotidianamente por pessoas trans e travestis nos espaços de ensino. No formato, em função da linguagem direta, a cartilha propõem-se a dialogar com os/as profissionais, problematizando a transfobia e seu reflexo no espaço acadêmico. A ideia é provocar uma reflexão e contribuir para construção de estratégias efetivas que diminuam estas violências, buscando à responsabilidade ética na defesa da comunidade transgênera.

É nesse sentido que a campanha Transver o Ensino aqui apresentada pretende dar suporte ao corpo de discentes, para que se tenha mais acesso à informações construtivas em seus posicionamentos éticos e políticos, de modo a transformá-los em ações projetuais que combatam as diversas manifestações de transfobia presentes nas dinâmicas socioinstitucionais.

Boa leitura!





POPULAÇÃO TRANS E TRAVESTI

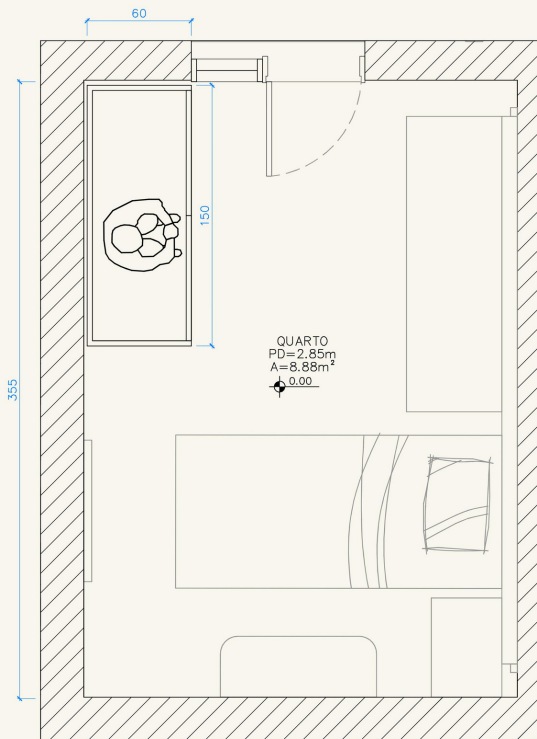
O que é uma pessoa cis/cisgênera?

Ao nascer, uma pessoa é designada homem ou mulher de acordo com seu sexo. Se a pessoa, ao longo da vida, se entende/se identifica com mesmo gênero atribuído ao momento do nascimento, então é cisgênera.

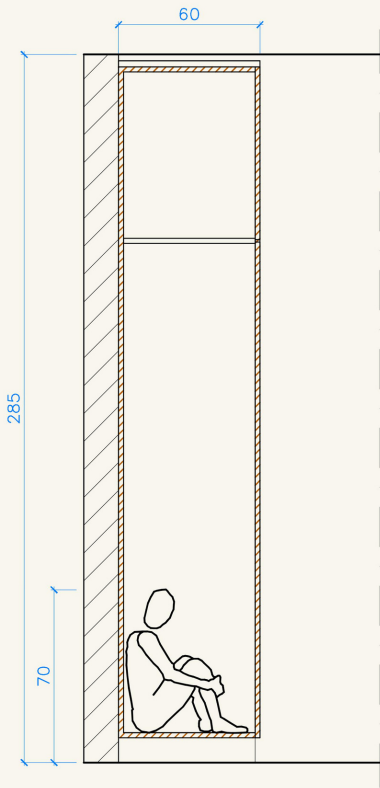
O que é uma pessoa trans?

O termo trans é utilizado para se referir a uma pessoa que não se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento. Quando nascemos, nossos gêneros são determinados pelo nosso sexo. Assim, uma pessoa que nasce com um pênis é considerada como um homem e uma pessoa que nasce com uma vagina, como uma mulher. Contudo, algumas pessoas percebem que se identificam com outro gênero e passam a viver como assim desejam e se sentem melhor consigo mesmas. No Brasil, cerca de 2,0% da população se apresenta enquanto transgênera.

O termo é utilizado como um “termo guarda-chuva” e se refere a todas as pessoas com identidades trans: transexuais, transgêneros, travestis, pessoas não binárias, etc.



01 PLANTA BAIXA
ESC. 1:25



02 CORTE AA
ESC. 1:25

TRANSFOBIA

O termo “fobia” é utilizado para designar medo, repulsa, desconforto ou ódio. Dessa forma, o termo “Transfobia” pode ser definido como uma série de atitudes, sentimentos ou ações preconceituosas ou discriminatórias contra pessoas trans. As ações podem ser violentas ou veladas.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), a expectativa de vida em média da população brasileira é de 76 anos, o dobro do número que representa a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil, 35 anos.

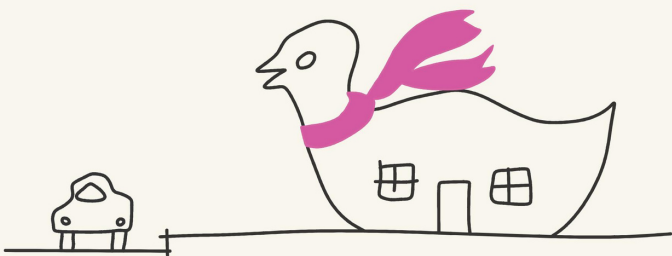
Segundo o Observatório de Pessoas Trans Assassinadas / Trans Murder Monitoring (TMM), o Brasil segue por doze anos consecutivos sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, sendo as vítimas transfemininas, e em sua maioria de pele preta e parda. Esses assassinatos aumentaram cerca de 41% desde o início da pandemia, em 2020.

Por conta da violência da transfobia, que muitas vezes começa em casa e passa pela escola, se reflete no espaço acadêmico e no mercado de trabalho. É uma cadeia de eventos que se somam. Hoje o número de pessoas trans nas universidades é de 0,2%.

Muitas atividades sociais que realizamos em nossa vida cotidiana, são também *generificadas*, ou seja, atividades de meninos ou de meninas, de mulheres ou de homens: filas, serviço militar, atividades de lazer, entre outras.

O uso de banheiros públicos, por exemplo, tende a ser realizado a partir do sexo genital presumido, e não pela identidade de gênero. Por isso, são frequentes os conflitos decorrentes do uso de banheiros em instituições públicas e privadas.

Para não se submeterem a situações humilhantes, pessoas trans chegam a ficar mais de doze horas sem utilizar o banheiro (inclusive em ambientes de trabalho e escolares). Existe a sugestão de constituição de um “terceiro banheiro” de uso neutro, que é, no entanto, debatido pela maioria das lideranças trans e por qualquer pessoa afinada a uma perspectiva crítica, por seu caráter discriminatório.



QUAL O MEU PAPEL ENQUANTO PROFESSOR? É COMO APLICAR O TEMA NAS DISCIPLINAS DE ARQUITETURA E URBANISMO?

É comum que pensemos o trabalho no campo da cultura LGBT+ como uma questão nova para a profissão. Este pode ser um tema relativamente novo para a reflexão teórica, sendo também um desafio cotidiano nos espaços de ensino.

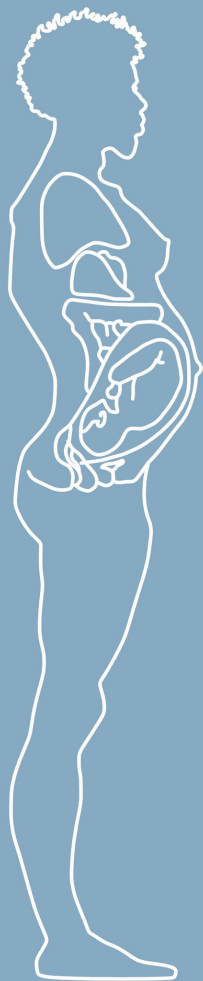
Travestis e transexuais, sempre estiveram presentes na cidade, embora pudessem ser, com mais frequência, invisibilizados/as/es e sobre eles/as/us possam ter ocorrido violências onde são forçados ao binarismo de gênero. Trata-se, portanto, de contribuir, com uma postura reflexiva e crítica frente a estes temas e desafios.

A população trans está presente não apenas nos centros de referência LGBT+ existentes, mas também nos espaços de socialização, nos espaços de ensino, na cidade em que os/as arquitetos/as atuam. O que estas pessoas, esperam dos/das profissionais de arquitetura não é muito diferente do que o conjunto da população usuária espera: que favoreçam, por meio da inclusão, seu acesso a cidade.

Enquanto corpo discente de uma universidade de Arquitetura e Urbanismo, as pautas que são colocadas em sala de aula, podem ou não fazer parte dos critérios utilizados pelos/as alunos/as. Sendo assim, de alguma forma o professor/a é uma fonte de referência para seus alunos/as.

O acesso a informações sobre a população trans é uma das estratégias mais influentes para o tratamento devido a essa comunidade. Além de instruir alunos/as cisgêneros/as quanto a pautas como pronomes, os direitos quanto ao uso do nome social, ao banheiro, também se cria um espaço confortável para que alunos trans possam se apresentar como se identificam, revertendo a visão sobre pessoas trans e travestis para um cenário mais humanizado e comum.

Desta forma, a introdução do tema sobre transgeneridade pode criar reflexões/ações projetuais através de debates entre alunos/as/es, através também da busca de bibliografias e trabalhos de coletivos e personalidades que atuam em cima desta pauta. E por meio desses exercícios são elaboradas diversas visões sob a prática projetual, onde se criam ideias que desde o início incluem a reflexão sobre os grupos para o qual o projeto atende.



REFERÊNCIAS

Aqui vão algumas referências de coletivos e grupos de estudo sobre gênero e a comunidade LGBTQ+ em Arquitetura e Urbanismo:

ARQUITETURA BICHA	Grupo de pesquisa da DAUD-UFC (Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará)
EQUALITY COLLABORATIVE	Grupo independente de estudantes que organizam discussões sobre gênero e diversidade na Arquitetura
GRUPO DE ESTUDO CORPO, DISCURSO E TERRITÓRIO	Coletivo na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAU-UFBA)
MARGEM LAB (LABORATÓRIO DE NARRATIVAS URBANAS)	Coletivo vinculado ao CNPq, ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano (PROPUR) e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
LUCIANA FUKIMOTO ITIKAWA	Pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos Avançados da USP. Atua na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase na Área de Planejamento Urbano, nos seguintes temas: Cidade e trabalho informais, Gênero, Segregação Urbana e Geoprocessamento.
REDE BRASILEIRA DE URBANISMO COLABORATIVO	Rede Nacional de profissionais em Arquitetura e Urbanismo com a participação de pessoas interessadas em potencializar ações que já estão acontecendo e outras que serão desenvolvidas por seus membros.



PEDRO MAIA GOMES DA SILVA
ORIENTADOR_CLÁUDIO RIBEIRO

TRANSVER O ENSINO

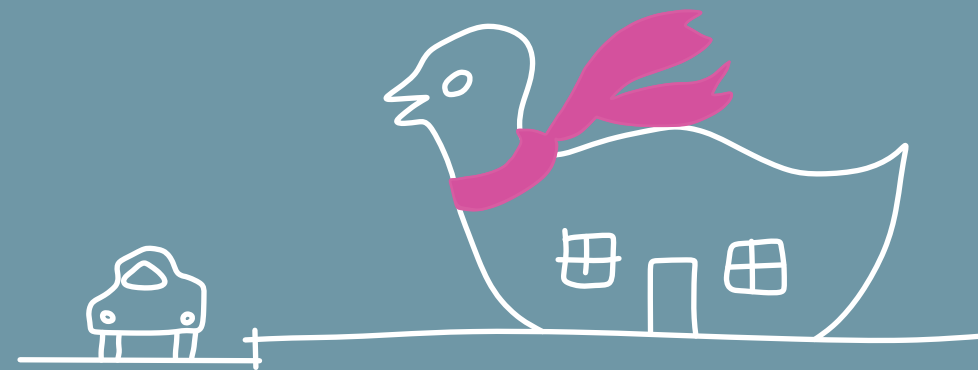
O ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO COMO
FERRAMENTA PARA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE ENSINO
MAIS PLURAIS, JUSTOS E INCLUSIVOS

2022

**“[...] a academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidade, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade.”
(hooks, 2013, p.273)**

A pesquisa tem como objetivo geral refletir e debater sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo como uma das ferramentas para construção de espaços de ensino mais plurais, justos e inclusivos, com a participação ativa e representação política da comunidade trans e travesti.

Com objetivos específicos de desenvolver a campanha *Transver o ensino* que é representada por meio de uma cartilha digital, onde reúne os pontos que são abordados durante a pesquisa, a fim de compartilhar de uma forma mais dinâmica e menos densa sobre a pauta transgênera para o corpo docente das universidades de Arquitetura e Urbanismo.



Pessoas transgêneres é o termo utilizado para se referir a uma pessoa que não se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), a expectativa de vida em média da população brasileira é de 76 anos, o dobro do número que representa a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil, 35 anos.

No Brasil, cerca de 2,0% da população se apresenta enquanto transgêneres.

(ANTRA, 2021)

Segundo o Observatório de Pessoas Trans Assassinadas / Trans Murder Monitoring (TMM), o Brasil segue por doze anos consecutivos sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, sendo as vítimas transfemininas, e em sua maioria de pele preta e parda.

AH Aventuras na História

Brasil é o país que mais mata pessoas trans pelo 13º ano consecutivo

Comparado a 2020, os...

1 mês atrás



ISTOÉ Independente

O Brasil é onde mais se mata pessoas trans

Um dado ainda mais estarrecedor: 24% dos assassinatos carregaram o ódio que se vê em linchamentos e ocorreram por meio de apedrejamento. Sim,...

4 semanas atrás



EM Estado de Minas

140 travestis e pessoas trans foram assassinadas no Brasil em 2021

Em janeiro de 2021, Keron Ravach, trans, de apenas 13 anos, foi encontrada morta em um terreno baldio no Bairro Apossados, em Camocim, Região...

3 semanas atrás



O Diário de Mogi

Aluna trans agredida na Escola Galdino ainda não decidiu se voltará a estudar lá

Aluna trans agredida na Escola Galdino ainda não decidiu se voltará a estudar lá. Até que decida continuar na escola ou pedir transferência para...

6 dias atrás



g1 G1

Aluna trans é impedida de usar banheiro feminino e denuncia escola estadual em Porto Velho

Uma aluna trans, de 16 anos, utilizou as redes sociais nesta semana para expor um caso de transfobia em uma escola estadual de Porto Velho.

1 semana atrás



F Folha

Aluna trans é agredida em escola na Grande São Paulo

Vídeos compartilhados na internet mostram uma aluna transgênero sendo agredida por outros estudantes em uma escola em Mogi das Cruzes,...

1 mês atrás



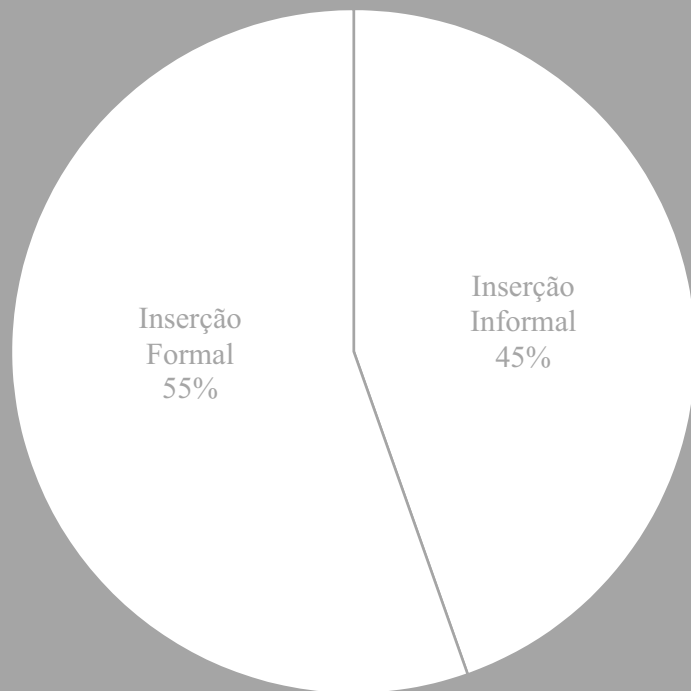
“Em 27 entrevistas detalhadas, o psicólogo José Luís Gomes Gonzalez Júnior, do Nudhes, analisou relatos de violência e discriminação na vida escolar de mulheres trans e travestis. Ele observou que as estudantes trans adotavam estratégias de autoproteção como andar em grupos de pelo menos três pessoas, aliar-se aos líderes dos estudantes, mudar de escola ou parar de estudar.”

(Revista Pesquisa FAPESP, 2020)

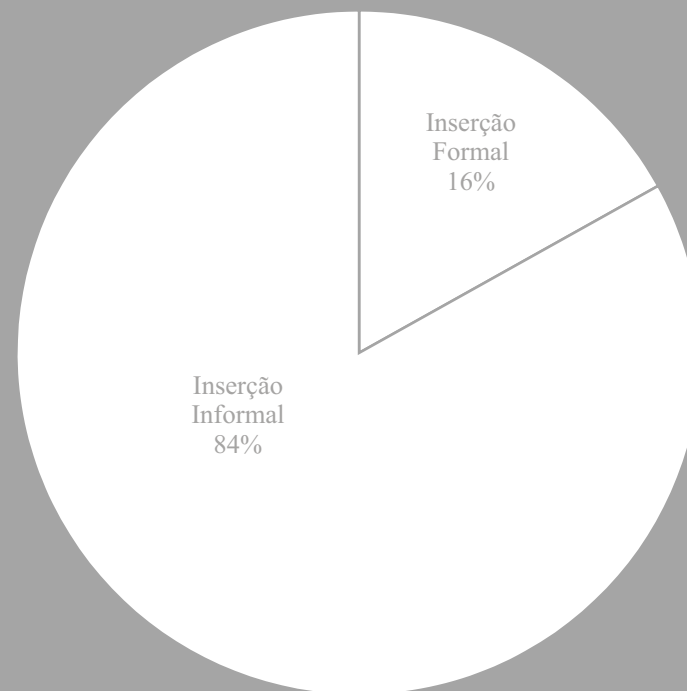


Pernas paro ar em Paris. Fonte: Colagem autoral.

Pesquisa Mensal de Emprego (PME-IBGE)_São Paulo 2014 e 2015



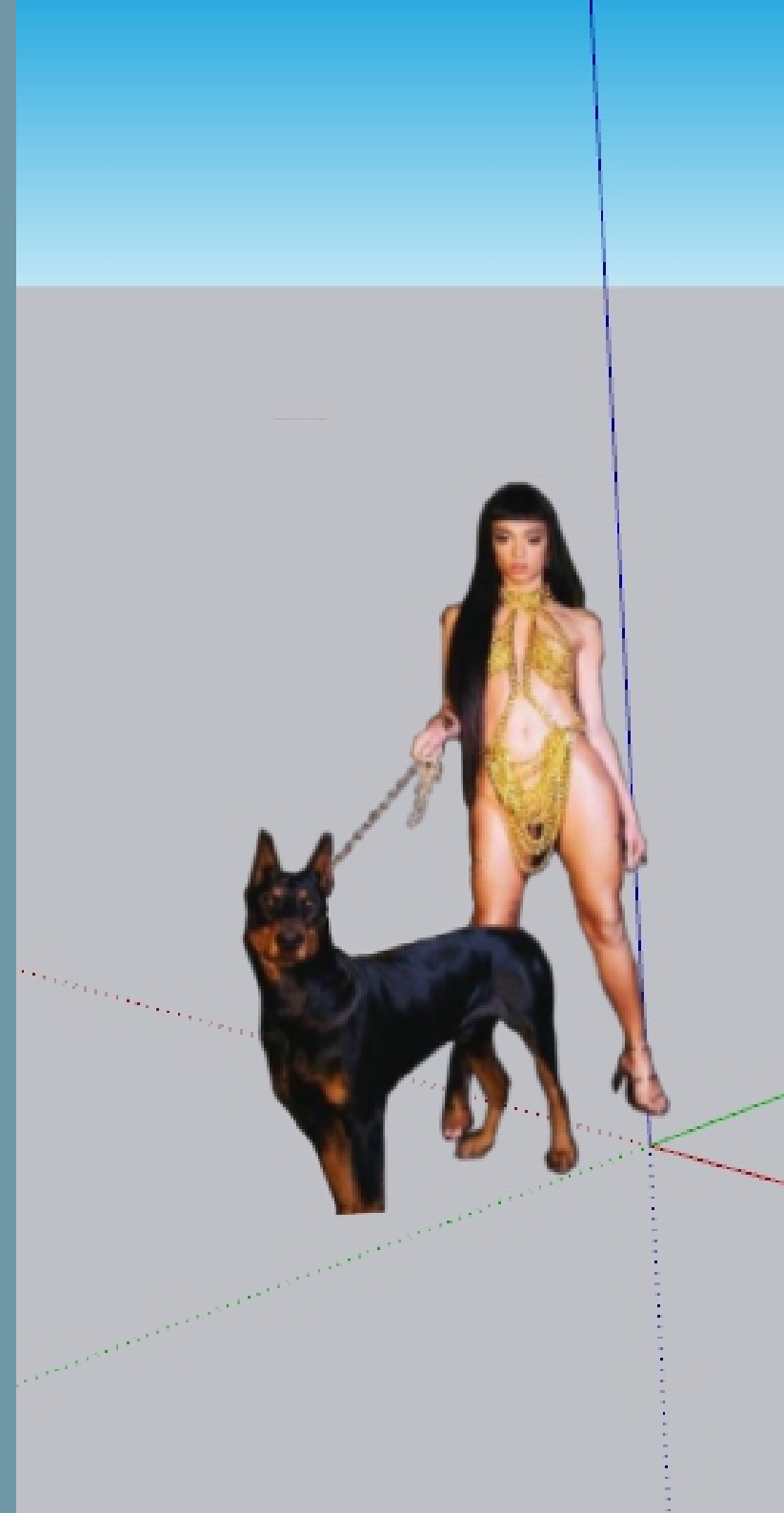
**peças cisgêneras
pesquisadas**



**peças transgêneras
pesquisadas**

“Com o devido e total respeito, na opinião desta(e) parecerista, o excessivo envolvimento de experiência pessoal do agente de intervenção - seja autor(a), escritor(a), projetista etc., - muitas vezes, é valiosíssimo para identificação das questões inerentes ao tema em discussão, em que pesem os problemas e as soluções. Contudo, em outras tantas ocasiões, há um turvamento da visão, ao não se estabelecer o devido distanciamento crítico que deve consolidar o binômio “significante/significado”, devido ao envolvimento emocional do ser vivente. Sugere-se um maior equilíbrio na análise e na abordagem das questões aqui levantadas (e em outras quaisquer, sejam profissionais ou acadêmicas) que mesclam fortemente um lado técnico e um lado “cliente”. Radicalismos não pavimentam caminhos plausíveis para pautas relacionadas às humanidades(...)”

(ANÔNIMO. Parecer de Plano de Intenções. Arquivo digital. FAU-UFRJ 2021)



TransGarçonne

O projeto foi fundado pelos professores Renato Augusto, professor adjunto da disciplina Café, bares e bebidas no curso de graduação em Gastronomia no INJC, e Breno Cruz, professor adjunto de Gestão de Serviços no curso de graduação em Gastronomia no INJC.

Este que foi fundado em 2019, e tem como foco qualificar pessoas trans e travestis para o mercado de trabalho no ramo da gastronomia, cientes de que não é uma questão de competência ou de habilidade, porém sobre os preconceitos existentes no mercado de trabalho.



“Eles nunca se sentiram pessoas que poderiam circular naquele espaço, de repente eles se veem ali, circulando na UFRJ. Conseguimos recursos para os alunos almoçarem e eles compartilharam o espaço do restaurante universitário. Vimos que tudo isso, para eles, era muito importante. Isso marcava que eles estavam em um lugar, que historicamente, foi negado a eles. Em um dos relatos, um dos alunos conta como era sua relação com seu pai antes de começar o curso. Ele vivia em uma situação de vulnerabilidade e tinha muitos problemas com o pai. Porém, a partir do momento em que ele conta ao pai que estava fazendo curso na UFRJ, a forma de tratamento do pai muda e inclusive o ato de dar o dinheiro da passagem para o filho.” (Augusto, R.)



Luna e Ian

Neste segundo capítulo, trataremos através de uma entrevista, a leitura individual de dois alunos transgêneros na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, com o objetivo específico de evidenciar por meio de suas diferentes perspectivas, a configuração da ausência do debate sobre transgeneridade na Universidade.

Para a construção da análise, as perguntas elaboradas são divididas em três eixos:

- Antes da FAU-UFRJ
- Durante a FAU-UFRJ
- Depois da FAU-UFRJ.



Questionário desenvolvido para a entrevista com alunos trans da FAU-UFRJ:

1. Antes da FAU-UFRJ:

Como foi sua experiência de se identificar enquanto pessoa trans?

Onde vocês costumam ir? Quais espaços vocês frequentam na cidade?

Como foi sua relação enquanto pessoa trans nos seus espaços de formação prévias à FAU?

2. Durante a FAU-UFRJ:

Qual foi sua motivação para cursar Arquitetura e Urbanismo? A expectativa cumpriu?

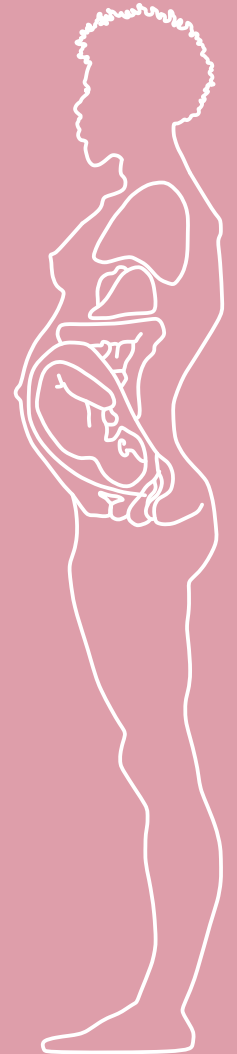
Como é sua vivência enquanto pessoa trans na FAU? Destaque sua relação com colegas, disciplinas e professores. / O que gostava mais na FAU? Qual seu lugar favorito na FAU? / Frequentavam as festas? / Tiveram problemas em relação ao uso de banheiros? / Participaram de pesquisa, extensão ou outra organização estudantil?

Enquanto pessoa trans, como foi/é sua experiência no estágio obrigatório?

3. Depois da FAU-UFRJ:

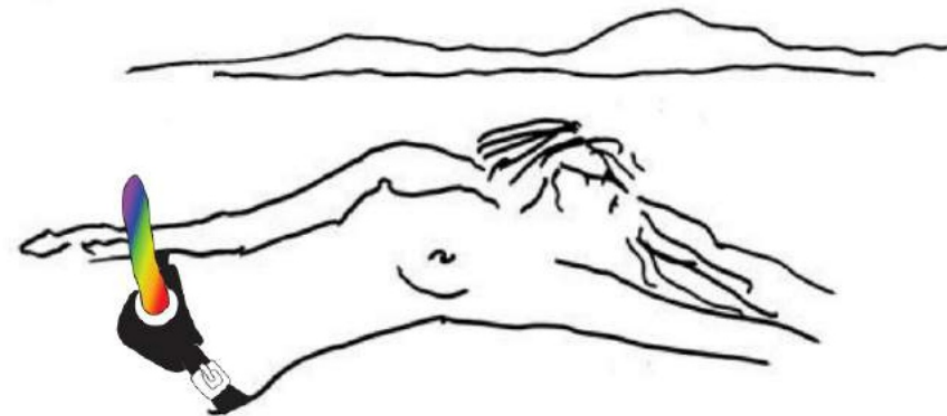
Para você, como pode ser um currículo que acolha a experiência trans e travesti na FAU?

Como o “ser trans” afeta a execução da sua futura profissão?



Luna: Depois que eu operei, eu tive muito mais segurança. Por mais que o rosto não revelasse, eu sempre tive medo que o pênis me revelasse. Então, esses ambientes que separam os sexos, banheiros, os provadores de lojas de roupas não me trazem mais insegurança.

Ian: (...) Eu não passei ainda por uma experiência de medo, mas me preocupo quanto ao que as pessoas pensam quando me vêem.



Luna: Não houve essa experiência enquanto pessoa trans assumida na FAU, pois quando eu entrei como uma mulher cis. Eu expus essa informação para amigos mais próximos, porém nunca coloquei isso de maneira mais pública (...) Eu não gostava muito de ficar na faculdade, acho que todos nós (pessoas trans) temos um pouco de medo.

Ian: (...) Felizmente não sofri nenhuma discriminação quanto a isso da parte de nenhum professor, mas acho que isso acontece porque estamos no remoto (...) Dentro do prédio, eu gostava muito de estar próximo dos trailers na parte externa, mas também gostava muito do corredor azul, quase ninguém ficava por ali, então dava pra almoçar tranquilamente. Não gostava muito de estar no CAFAU, só quando estava mais vazio.



Campanha Transver o ensino

O produto final desta segunda etapa do TFG será a elaboração de uma cartilha. Este servirá de material de estudo e será representado digitalmente, buscando reunir as informações tratadas na pesquisa.

1. Iniciando pela apresentação da comunidade trans e travesti, o apontamento de dados referentes a essa comunidade hoje no Brasil. (Definições sobre as identidades de gênero, a violência da transfobia);
2. O foco deste produto é de dar suporte ao corpo de discentes quanto ao acesso a informações sobre a comunidade trans e travesti;
3. O terceiro ponto visa refletir sobre qual o papel dos/as professores/as na luta contra a transfobia e as estratégias que podem ser inseridas em sala de aula;
4. A apresentação de alguns grupos e coletivos aliados a comunidade trans que têm trabalhado e investido em ações voltadas para esta comunidade.



SUMÁRIO

Apresentação 01

População Trans e Travesti 04

Transfobia 07

Qual o meu papel enquanto professor? E como aplicar o tema nas disciplinas de Arquitetura e Urbanismo? 10

Referências 13

POPULAÇÃO TRANS E TRAVESTI

O que é uma pessoa cis/cisgênera?

Ao nascer, uma pessoa é designada homem ou mulher de acordo com seu sexo. Se a pessoa, ao longo da vida, se entende/se identifica com mesmo gênero atribuído ao momento do nascimento, então é cisgênera.

O que é uma pessoa trans?

O termo trans é utilizado para se referir a uma pessoa que não se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento. Quando nascemos, nossos gêneros são determinados pelo nosso sexo. Assim, uma pessoa que nasce com um pênis é considerada como um homem e uma pessoa que nasce com uma vagina, como uma mulher. Contudo, algumas pessoas percebem que se identificam com outro gênero e passam a viver como assim desejam e se sentem melhor consigo mesmas. No Brasil, cerca de 2,0% da população se apresenta enquanto transgênera.

O termo é utilizado como um “termo guarda-chuva” e se refere a todas as pessoas com identidades trans: transexuais, transgêneras, travestis, pessoas não binárias, etc.

TRANSFOBIA

O termo “fobia” é utilizado para designar medo, repulsa, desconforto ou ódio. Dessa forma, o termo “Transfobia” pode ser definido como uma série de atitudes, sentimentos ou ações preconceituosas ou discriminatórias contra pessoas trans. As ações podem ser violentas ou veladas.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), a expectativa de vida em média da população brasileira é de 76 anos, o dobro do número que representa a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil, 35 anos.

Segundo o Observatório de Pessoas Trans Assassinadas / Trans Murder Monitoring (TMM), o Brasil segue por doze anos consecutivos sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, sendo as vítimas transfemininas, e em sua maioria de pele preta e parda. Esses assassinatos aumentaram cerca de 41% desde o início da pandemia, em 2020.

QUAL O MEU PAPEL ENQUANTO PROFESSOR? É COMO APLICAR O TEMA NAS DISCIPLINAS DE ARQUITETURA E URBANISMO?

É comum que pensemos o trabalho no campo da cultura LGBT+ como uma questão nova para a profissão. Este pode ser um tema relativamente novo para a reflexão teórica, sendo também um desafio cotidiano nos espaços de ensino.

Travestis e transexuais, sempre estiveram presentes na cidade, embora pudessem ser, com mais frequência, invisibilizados/as/es e sobre eles/as/us possam ter ocorrido violências onde são forçados ao binarismo de gênero. Trata-se, portanto, de contribuir, com uma postura reflexiva e crítica frente a estes temas e desafios.

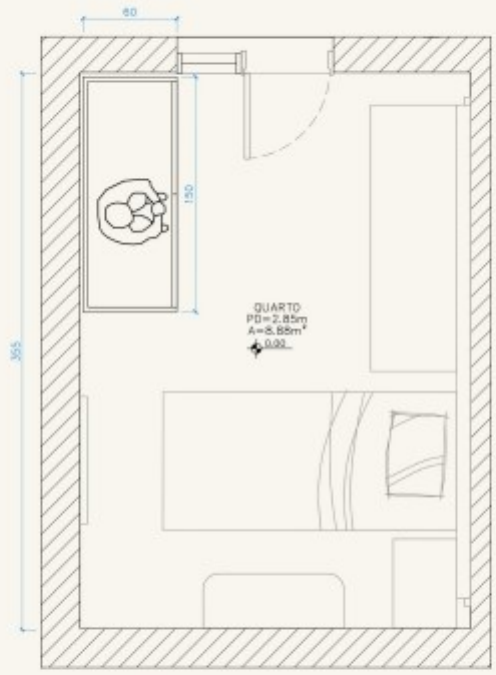
A população trans está presente não apenas nos centros de referência LGBT+ existentes, mas também nos espaços de socialização, nos espaços de ensino, na cidade em que os/as arquitetos/as atuam. O que estas pessoas, esperam dos/das profissionais de arquitetura não é muito diferente do que o conjunto da população usuária espera: que favoreçam, por meio da inclusão, seu acesso a cidade.

Enquanto corpo discente de uma universidade de Arquitetura e Urbanismo, as pautas que são colocadas em sala de aula, podem ou não fazer parte dos critérios utilizados pelos/as alunos/as. Sendo assim, de alguma forma o professor/a é uma fonte de referência para seus alunos/as.

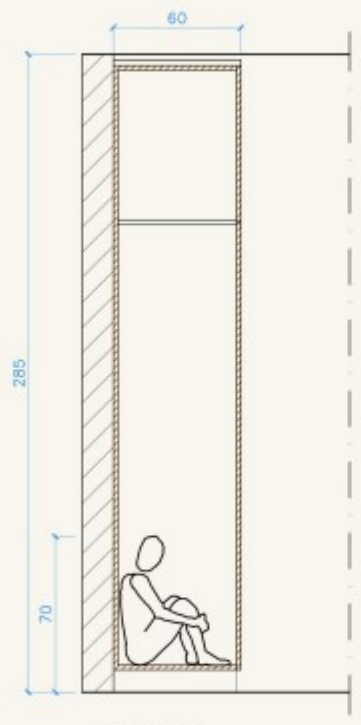
REFERÊNCIAS

Aqui vão algumas referências de coletivos e grupos de estudo sobre gênero e a comunidade LGBT+ em Arquitetura e Urbanismo:

ARQUITETURA BICHA	Grupo de pesquisa da DAUD-UFC (Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará)
EQUALITY COLLABORATIVE	Grupo independente de estudantes que organizam discussões sobre gênero e diversidade na Arquitetura
GRUPO DE ESTUDO CORPO, DISCURSO E TERRITÓRIO	Coletivo na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAU-UFBA)
MARGEM LAB (LABORATÓRIO DE NARRATIVAS URBANAS)	Coletivo vinculada ao CNPq, ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano (PROPUR) e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
LUCIANA FUKIMOTO ITIKAWA	Pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos Avançados da USP. Atua na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase na Área de Planejamento Urbano, nos seguintes temas: Cidade e trabalho informais, Gênero, Segregação Urbana e Geoprocessamento.
REDE BRASILEIRA DE URBANISMO COLABORATIVO	Rede Nacional de profissionais em Arquitetura e Urbanismo com a participação de pessoas interessadas em potencializar ações que já estão acontecendo e outras que serão desenvolvidas por seus membros.



01 PLANTA BAIXA
ESC. 1:25



02 CORTE AA
ESC. 1:25

